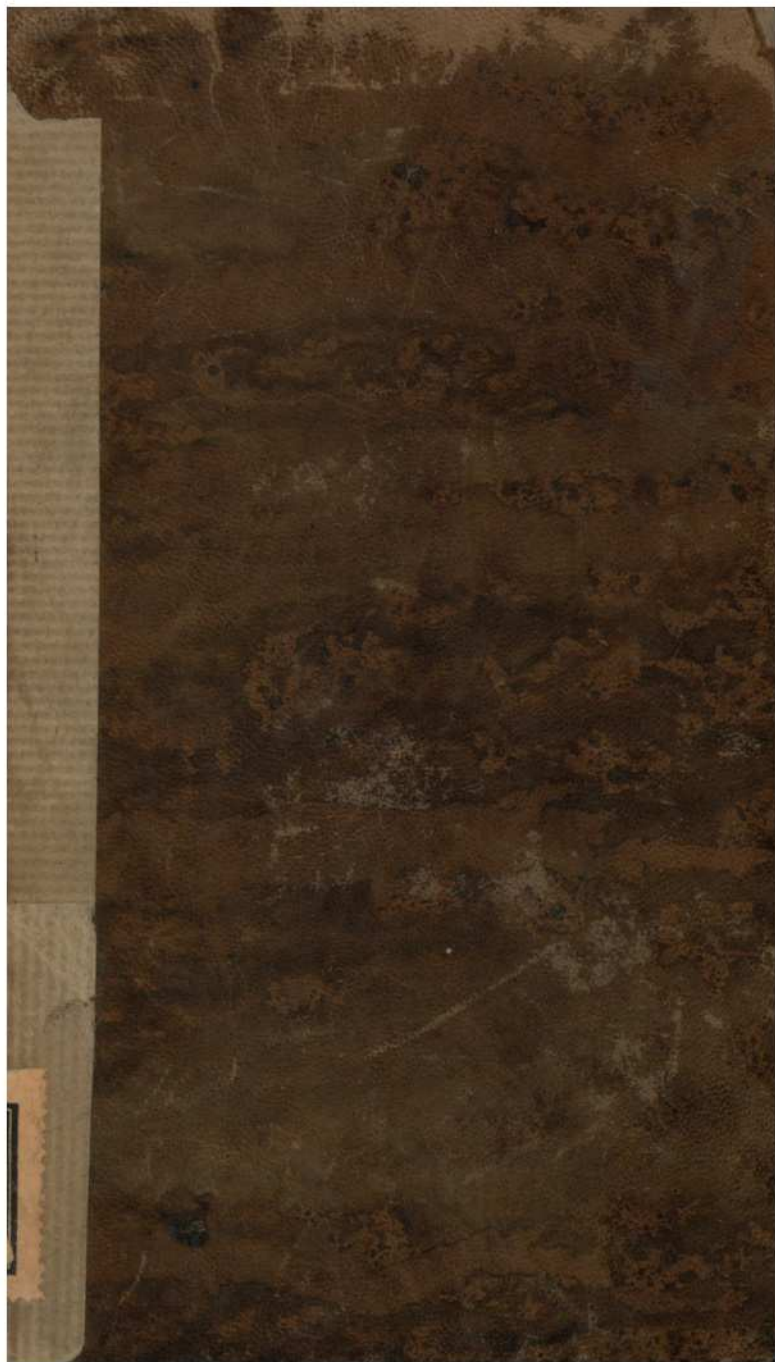
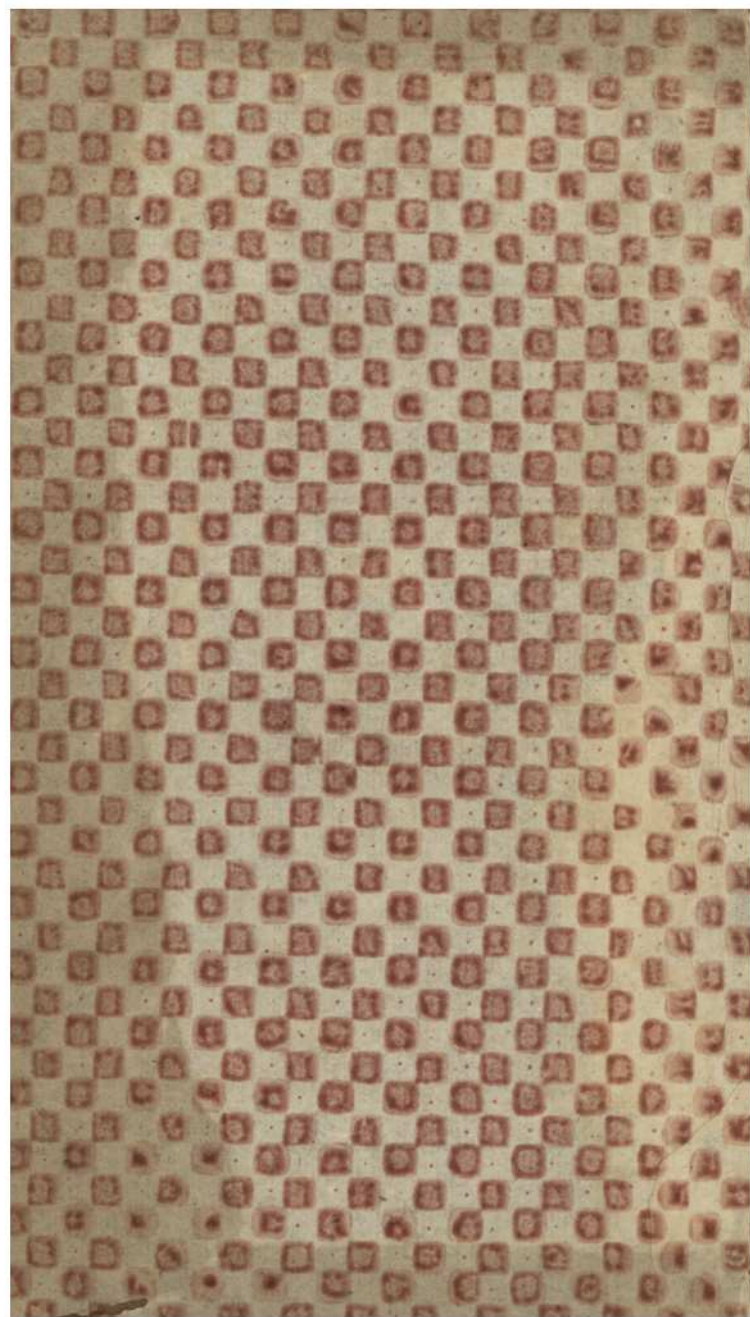










2 L
16.248

LYRICA

DE JOÃO MINIMO.

LYRICA

DE

JOÃO MINIMO.

PUBLICADA PELO AUCTOR DO RESUMMO DA HISTORIA
DA LINGUA E POESIA PORTUGUEZA, DO POEMA
CAMÕES, D. BRANCA, ADOZINDA, &c.



Londres :

SUSTENANCE E STRETCH,
14, PERCY-STREET, RATHBONE-PLACE.

MDCCCXXIX.

LYRICA

VOLUME

JOÃO VINÍCIUS



REPRODUTIVO DE

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

CHICAGO, ILL.

27/12/1924
V. M. M. M.

NOTICIA

SÔBRE O AUCTOR D'ESTA OBRA.

Debaixo de ruim capa se esconde um bom bebedor.

RIF.

Do rifão que tomei para epigraphe do meu discurso verá o leitor que mui bem senti os inconvenientes de um nome exquisito e desconhecido á frente d'êsta obra. Peior será se parecendo *ruim* a *capa*, não parecer melhor o *bebedor*. Mas obrigaram-me forçosas razões, que singelamente exporei.

Quem é este novo e esdruxulo poeta, este Sr. João Minimo?—O mais que posso responder é contar tudo o que d'elle sei, que não é muito.

Eu estava a respeito do Sr. João Minimo na

mesma ignorancia perfeita em que está o público: era poeta de que não tinha a minima idea. Ora todos sabem que para se adquirir este nome em Portugal é necessario andar maltrapido, viver vida cynica pelos cafes e bilhares do Rocio ou do Quebracostas, onde com o charuto na boca e o ponche ou a philippina na mão, se discute de sonetos, decimas, odes pindaricas e dithyrambos, que são os unicos generos hoje admittidos pela legítima, pura e orthodoxa poesia lusitana, fulminado terrivel anathema contra toda e qualquer heretica nequicia discrepante.

Alem dos mencionados cafes e bilhares; osouteiros de freiras, e nas occasiões públicas—como juramentos de Cartas, pejeramentos, acclamações, desacclamações, usurpações, &c. &c.—os theatros são os meios de publicidade para os verdadeiros e legitimos filhos do lusitano Apollo que desprezam a ridicula glória de *auctores impressos*.

Em nenhum d'estes sitios tinha eu visto ou ouvido fallar do Sr. João Minimo. Tam pouco não era

elle *poeta impresso*; pois, graças a Deus, tenho corrido todos os folhetos e folhetagos de poesias (em todo o sentido fugitivas) que ha vinte annos se teem impresso; e bem assim os volumes poeticos de papel pardo, que regularmente constam, como é sabido, de algumas grozas de sonetos de annos, abbadeçados &c.,—logo, segundo a lithurgia commum, as odes pindaricas e os dithyrambos,—acabando tudo com a miscelanea de glosas, colcheas, anacreonticos, e alguma ecloga,—se as ha.

Portanto era-me perfeitamente estranho o nome d'este novo poeta. E agora contarei como viemos a fazer conhecimento e amizade, e como, por uma extraordinaria circumstancia, vim a ficar universal herdeiro de todas as suas obras; das quaes na presente collecção dou ao público uma pequena amostra.

No verão de 182... succedeu uma tarde de Junho que me encontrei no conhecido cafe do M— com uma sucia de rapazes, leaes filhos de Apollo; e, como é natural, a nossa animada conversação en-

trou logo pelos districtos poeticos. Veio-se a fallar em *outeiros*—alegre e ingenhoso passatempo de nossos paes, quasi perdido hoje na barafunda das maldittas politicas, desprezado e mal avaliado por uma mocidade estragada e libertina que tem o descoco de preferir as cartas da Nova Heloísa e do excommungado St. Preux ás eclogas do pastor Albano e da pastora Damiana,—que ousam antepor os descompostos versos de Francisco Manuel e suas odes hyeroglyphicas aos retumbantes, altisonantes e nunca assás louvados sonetos da eschola elmanica!—Isto é quando estes senhores se dignam de olhar para versos ; porque hoje a moda é prosa e mais prosa, economias politicas, estatisticas, chymicas, physicas, e outras inuteis frandulagens, que nunca entraram nas topetadas e apolvilhadas cabeças de nossos paes n'aquelles felizes tempos de Portugal em que a procição da corpo-de-deus vinha pelos arruamentos abaixo,—e na vespera á noite—oh ! que brilhantes *outeiros* por aquella rua Do-ouro !—quando todas as *blue stockings*, *bel-esprits* e *precieuses* de Lisboa se

requebravam pelas adamascadas janellas em motes alambicados e sublimes, fructo de muita semana d'estudo nos preciosos volumes de *João Xavier*, da *Marilia*,—e tambem, para honra e glória do meu patrio rio, do *Belmiro pastor do Douro* !

Tempos, ditosos tempos que nunca mais heisde voltar ! A's vezes ponho-me a pensar commigo se os manes do pastor Albano, ou a alma *parda* do cantor Caldas, * ou o energumeno espirito do vate Elmano † apparecessem derepente entre as cigarripunchi-undulantes nuvens de um cafe do Rocio, — theatro de suas façanhas, templo de suas glórias !—e ouvissem e vissem a profanação, a prostituição ac-

* Não se falla do grande poeta o Padre Caldas, mas do mulato improvisador Caldas.

† O vate Elmano é mui differente coisa do poeta Bocage. O excentrico, inintelligivel, escatapafurdico Elmano dos cafes e dos outeiros não póde ser o mesmo que o nobre poeta Bocage, o traductor de Ovidio, o auctor de *Leandro e Hero*, do *Tritão*, de tanta epistola excellente, de tanta coisa boa e bella.

tual de taes logares!...Gazetas, jornaes, periodicos!...
O *Portuguez* a matar a gente com a *publicidade dos processos*, com a traição do ministerio; a Gazeta ás unhas ao *Portuguez*;—o Padre Jose Agostinho—
até este, o proprio Elmiro Tagideu! *Et tu Brute!*
.....o Padre José Agostinho ás chalaças arrieiras com elles!—Com menos escandalo, é verdade, este digno filho de Apollo se abaixa á *vil prosa*, porque em nenhuma materia de sciencia ou arte, ou litteraria (diga-se para honra de seu *poetismo*) o vemos entrar solidamente, e como quem a sabe ou a professa: apenas ha uma tinctura de florilegio para embasbacar os pataus e fazer encaixe a descomposturas, insultos e pachochadas. Mas emfim é vil prosa, indigna do sesquipedal imitador de Stacio, que com tanto credito de seu delicado gosto o antepõe ao semsaborão de Virgilio, ai! isso é o menos: que diremos do rival—do rival vencedor do *torto Camões!*

Oh! o que diriam aquelles illustres manes!
Com que maldicções e esconjurios não fugiriam

elles outravez para a habitação das sombras, fulminando sôbre a degenerada raça bastos sonetos de anathema, e pindaricas odes de confusão eterna !

Qu' é dos poetas portuguezes de hoje ? Que se não pôde chamar poetas a esses fazedores de poemas e romances*—enfronhados em romanticos,—ou a esses frios imitadores de Horacio no genero lyrico, que fazem odes com *sensu commun*,—ou a esses proselytos da escola ingleza e alleman, em que tudo é natureza e verdadeira imitação d'ella,—ou a essesoutros feitores de tragedias, salvo um ou dous cujos versos tragicos são dignos do soneto e da ode pindarica. Nada ; isso não é gente a quem se chame poetas. Oh ! qu' é d'aquelles famosos athletas que no circo poetico luctavam infatigaveis com furias, Gorgonas, Tisiphones e Megeras, e bramiam e pul-

* Parece alludir a certas publicações modernas de exquisito feitio e anomala descripção que aparecem ha tres para quatro annos a ésta parte, como o poema *Camões*, uma tal B. Branca, e outras modernices.

lavam e troavam e retumbavam, e faziam versos que nem elles intendiam, de tam sublimes, de tam guindados !—Tudo isso bannido, tudo isso fóra de moda por estes ridiculos bonecos de hoje, para quem tudo é natureza e natural, que chamam á noite *noite*, ao sol *sol*, e a todas as coisas pelo seu nome. Quaes poetas, que se lhes intende tudo quanto dizem sem ir ao dictionario da fabula ! Poetas que começam ou ode, ou seja o que for, sem invocar musas nem Apollo—até creio que nem Apollo nem musas reconhecem os escommungados.

E a isto chamam *romantico* ; e diz que é importação de Madame de Staël e do ascetico Chateaubriand, que nos estragaram nossa poesia do Sul com éstas semsaborias do Norte.—Pois a antiga escola *Marino-gongoristico-italo-castelhana*, que resistiu aos esforços de Garção e Diniz, que reviveu mais brilhante e triumphante em toda a seita Elmanica, luctou com Philinto e Philintistas, marimbou para antiquarios-innovadores de toda a especie, e por uma sublime *ruse de guerre*, com diferente

nome e fingida apparencia capitaneia as phalanges dos Elmiros e não sei quantos mais *miros* e *iros*, contra os pretendidos restauradores das simplicidades *camõesinas* e *samirandinas*; —ésta eschola, que tamanhos genios, embora esquecidos hoje—tem produzido, hade acabar ás mãos de quatro peralvilhos sem nome e sem glória!

O peor é que não é possivel concentrar a attenção pública em ponto tam importante: as escomungadas politicas tudo absorvem. E elles, os romancistas, os nacionalistas, os racionalistas, os inimigos da brilhante antithese, do campanudo conceito, da fina e intrincada e inintelligivel phrase sublime—elles ganham terreno; e talvez, talvez não tarde a epocha em que se veja um dia de annos sem soneto, um anniversario Real ou nacional sem ode pindarica,—em que as eclogas de João Xavier (e de muitos outros) causem somno, os sonetos elmanisticos fastio, e as epopeas *agustinhas* nôjo.

Ah! d'onde vem tudo isto, d'onde procede todo

este damno?—Do esquecimento e abandono dos antigos, respeitaveis e orthodoxos usos nacionaes. Durassem ainda os *outeiros*, houvesse éstas justas, estes torneios poeticos em que cadaum fazia *próva singular* e pública de seu talento e finura, e sem o quê nenhum insulso fazedor de versos soltos e frigidissimas odes ousava intitular-se poeta: houvesse elle *outeiros*, e não veriamos o que vemos.

Tal era o thema e variações da nossa conversa —quando outro allumno da antiga escola, outro filho do *outeiral* Apollo, nos veio interromper agradavelmente.—“Rapazes, (correu elle para nós) muito estimo encontrá-los aqui. Sucia! Vamos a Odivellas ao outeiro de San’ João, que é hoje, ésta noite.”

——“Quê! ainda elle ha d’isso? Olha a nossa conversa.....Pois devéras um outeiro?”

——“Outeiro, sim Senhor; vamos; é brilhante coisa: ha mais dê dez annos que se não faz. Mas hoje temos tudo arranjado, tudo prompto. Vai N.

N. e N., que hão de aterrar tudo com sonetos e colcheas; e ja levam provisão de quartetos e consoantes—d'isto que chamam de *nariz de cera*, que servem para todo o mote; mas não importa: o caso é fazer bulha e estallar como um foguete de lagrymas nos ouvidos d'estes pedaços d'asnos. Havemos de metter tudo n'um chinello. Nem Borage nem Malhão viram nunca no seu tempo um outeiro como este hade ser. Vamos, rapazes, que so faltam vocês. Toca, marcha!"

E nós tocámos e marchámos capitaneados pelo nosso director; e eis-nos saltando e folgando, todos umas paschoas; e elle que dá connosco na *redolente* e viçosa praça da Figueira, onde encontrámos arreitados e vistosos ginetes e hacneias mordendo de impaciencia—os *dourados freios*, não—mas um resto de albarda velha. Eram burros. Porém os mais pimpões e menos asinarios animaes-burros que trotam nas vizinhanças da inclyta Ulysea.

E os rapazes burriqueiros connosco: e—"Este,

meu amo, isto é que é jumento!”—“Este, o meu Junot!”—“Leve o meu Bonaparte. Isto é que é fera.”—Leve o meu Lord inglez, que nunca tropeçou na sua vida.”—“Para Cintra, fidalgo, para Cintra? Está la em duas horas, o muito; é ir no meu Doutor.”

E com éstas gritarias e desordem e encomios dos ruços travou bulha çuja entre os donos e conductores da *asinaría*; durante a qual, o *tertius gaudet* de uma boa velha, que creio que vende toucinho e queijos do Alemtejo, aproveitou a occasião, e nos veio offerecer as suas cavalgaduras—alias, burricaduras—que estavam ajaezadas e promptas atraz do *logar*.* Estipulou-se prompto o preço, montámos sem mais detença e partimos em garrido trote entre os gritos e assovios da rapazia burrical,

* *Logar*, para intelligencia do leitor provinciano, é a barraca de madeira em que estão enichados os vendilhões da praça da Figueira e de outras praças e ruas de Lisboa

que vendo-se *desapontados* pela nossa repentina deliberação, largaram a bulha para nos rogar em côro um sem-número de suas chulas pragas a nós e á *mãe dos burros*, a boa velha que nos accomodára tam bem, e que não teve o menor quinhão nas jaculatorias da rapazia.

E ja passámos as çujas e enlameadas ruas, e ja em campo aberto a gosar a mais bella e deliciosa tarde de Junho que ainda surriu nos abençoados climas do nosso Meio-dia.

O ar doce e temperado apenas se agitava de uma ligeira viração tam branda como a que póde causar a tremula vibração de ventarolla asiatica em mãos de formosa escrava nos regallados jardins de algum nababo delicioso.....

Apre! que ésta foi poetica de mais,—romantica de mais.

Sejamos classicos :

Qual a suave ondulação mimosa
Que emtorno á mãe dos languidos amores,
Em tarde estiva na estação calmosa,
Meneando os leques de cheirosas flores
Fazem as Graças nos jardins de Gnido
Para emballar e acalentar Cupido.

Que tal! — o diacho é o malditto *leque*. Parece-me prosaico e vulgar como o

Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.

Paciencia.—Abano, abanico....nada:—ventarolla já está ditto: *leque*....*leque*....—*Leque* sempre é o melhor; e mais não é bom. Mas não diz la o grande poeta da *Phenix**, fallando do ferreiro Polyphemo —

E porque so no vento se affiança,
Lhe servia de *folle* uma esperança!

Pois *folle* não é mais poetico do que *leque*: e em sublime e guindado e elevado e culto, se alguem sabia, era aquella gente da *Phenix renascida*.

* A *Phenix renascida*, preciosa collecção do principio do seculo passado em que ha mais versos e poesia gongoristica e elmanica do que em todas as collecções poeticas imaginaveis.

As digressões matam-me : é a minha terrível e imperdível manha.—Onde iamos nós?—No caminho de Odivellas : é verdade.

E iamos nós andando, andando; isto é, os nossos burros trotando, trotando; e o ar delicioso, e os campos lindos, e as vinhas e os pomares e os bosques exhalando fragancia; e tudo alegre e risonho, respirando saúde e vida e contentamento; e nós discutindo consoantes, questionando sôbre rhymas, ventilando metros, e outras que taes coisas de sublime importancia.

“——E quem conheces tu la para te dar mote?”
Disse um da sucia para outro.

“——E para dar doce?—que é um pouco mais interessante.”

“——Em que tu fallas! Vergonha....”

“——Fallo no que penso; que ja tenho fome : e que será la para noite velha, quando os consoantes começarem a faltar, as ideas a fugir, e um pobre homem com o *fecho* do soneto atravessado na garganta, que nem para traz nem para diante; ahi é que os eu quero ver :—o estomago vazio, e o parto

de um soneto atravessado ! Ninguém resiste a isso :
eu por mim”

“ — Fuma-se.”

“ — Bom é : mas fumar não enche.”

“ — Querem vocês ouvir um soneto que eu fiz
em Coímbra, de *consoantes forçados*, a um malditto
que estava a jogar a ronda commigo, ganhando-me
o dinheiro, e não me quiz dar um *pontifice* em que
eu tinha o ôlho, que me damnava por elle ?”

“ — Venha :” disseram todos.

“ — Pois ahi vai :” continuou o auctor do sone-
to :

Dá ca d'esse cigarro uma fumaça
Antes que a lata a cachações te meça :
Dá-o por bem, antes que ao mal t'o peça ;
Passa ca o pontifice, louraça.

Isso agora é de mais, isso é pirraça,
Dou o cavaco, azoo com tal peça ;
Se não m'o dás ja ja com toda a pressa
Desconfio, inquizilo co'a chalaça.

Deixa estar que inda um dia quando eu possa,
Se algum diabo, meu ratão, te atiaça
A pedir-me um cigarro, é logo coça.

Es hereje, infiel, não vais á missa ;
Uma ponta negar não te faz móça
Porque a alma tens de estopa ou de cortiça.

Bravos geraes e unanimes,—e sinceros. Tenho observado que entre auctores,—e poetas, que é a peor raça de auctores—as coisas jocosas, de galanteria, são geralmente apreciadas sem inveja, e applaudidas sem aquellas frias restricções do amor proprio que impedem os filhos de Apollo de acharem gosto e prazer no que é bello ou grande nas obras de seus confrades. Não é affectação, não é maledicencia : é que *gostar é gosar* ; e quem não *gosa* não gosta. E como hade um poeta gosar no merecimento e na glória de outro poeta ?—coitados ! As obras de mera brincadeira não teem pretensões, não disputam logar a ninguem ; todos lhe acham graça por pouco que ellas valham. E assim foi ésta.

Mas sempre houve quem viesse com a reflexão :
—“ Ah ! sonetos d'este genero, o Bocage : aquelle—

Cara de reo com fummos de juiz,
Figura de prezepe ou de entremez....”

“ — Não senhor, eu prefiro o outro :

Da minha ingrata Flerida gentil
Os verdes olhos esmeraldas são....”

“ — Isso não são consoantes forçados.”

“ — São, sim senhor.” — “ Não são, não senhor.” — “ Essa é boa ! não sei eu o que são consoantes forçados ? ” — “ Não sabes ; que esses nunca o foram.”

São, não são : trava questão renhida —

Cada qual seus amigos favorecem.

E redeas que se descuidam ; e o quadrupedante de um dos principaes questionadores de joelhos a terra, e o cavalleiro atraz d'elle—mas de narizes em vez de joelhos ;—e o burro immediato que tropeça no cavalleiro—alias burriqueiro—e no burro ; e zaz, a terra tambem—como um regimento de cartas de jogar. E risota ; e *ai meu braço !* e *ai meu nariz !* —E um dos burros que se levanta e foge, e o cavalleiro cocheando atraz d'elle, e nós todos a cercar, e o liberto animal ao galope e relinchando e pinoteando e.... — e escaramuçando em todo o sen-

tido e por todos os orgãos que estes *generosos* animaes costumam....E nós fazendo um alarido de todos os d—bos. E se não é um pobre saloio que vinha do mercado e agarrou o burro, algum dos outros animaes tinha de ser commum-de-dous para o resto da jornada.

Felizmente o resto era bagatella; e sem mais questões nem incidentes chegámos ao cruzeiro gothico que fica na pequena eminencia, d'onde tivemos ampla vista do antiquissimo e celebrado convento de Odivellas, em cuja igreja jaz o grande rei D. Diniz,—e em cujo dormitorio tantas vezes jazeu outro rei,—que não sei se foi grande ou pequeno—D. João V. de freiratica memoria.

Entrámos solememente pelo portão de ferro que fecha a grande praça do convento, como uma banda de cavalleiros em estacada de torneio. Pelos modestos e pacificos ginetes bem se deixava ver—quando por *al* não fosse—que mais eram trovadores do que justadores os que assim chegavam aos venerandos muros do antigo castello monastico.

O mosteiro com effeito, ainda que situado em

uma baixa pouco pittoresca, seus ares tinha de castello no edificios primitivos; mas um sem-número de irregulares accrescentos de diversas datas destroem toda a illusão romanesca.

E nós ás cortezas ás madres que apontavam a espreitar pelas janellas,—e alguns a visitar o padre confessor,

Gordo—cachaci—pansudo Bernardo,*

que, segundo *uso usado*, habita uma commoda e confortavel vivenda defronte do convento.—E eu que me escapo da sucia, e por meu natural curioso e amigo de antigualhas, fui-me summindo pelo antigo e lageado corredor ou claustro externo formado pela balustrada para o lado da porta da igreja.—Estava aberta a porta; e eu entrei com a imaginação exaltada no solemne e magestoso espectaculo do interior de uma igreja gothica:—tal o promettia

* Este verso não é meu, e não me lembra de quem é.

o exterior d'ella.—Em geral a architectura gothica é para mim um quadro de solemne tristeza que me absorve os sentidos todos n'um gôso indefinivel, n'um estado que não sei explicar, porque se não parece com nenhuma das sensações que os monumentos de outro genero, que as outras bellezas das artes me excitam.

Mas ésta especie de architectura—(E a mais simples mais me embelleza) no interior de um templo solitario, com uma luz escassa, como elles geralmente a teem,—enche-me a alma de um certo não-sei-quê entre gôso, respeito, devoção, melancolia e suavidade, que posso alli estar horas esquecidas sem me lembrar nem me emportar mais nada. Muitas vezes me succedeu entrar na antiga e veneranda cathedral de Coímbra, deserta e desamparada, — ricco monumento gothico, um dos mais antigos da Europa, certamente anterior á conquista dos Arabes, e que está no desprezo e abandono porque nós somos uma nação desmazelada:—não eramos, mas assim nos fez a monachocracia que apodreceu a nação até o amago. O retabulo da cap-

pellá mor da sé, chamada *a sé velha*, de Coímbra, é o mais fino e perfeito e delicado lavor gothico em talha de que tenho notícia, e talvez, que exista. Haverá oito annos estava ainda perfeitamente conservado.

E então, os ricos monumentos sepulcraes dentro e fóra da igreja!—que em Inglaterra ou n'outro paiz *christão* seriam conservados com respeito e veneração de reliquias!—alli, estragados, as inscripções illegiveis, alguns cubertos de emplastos modernos.... —Que vergonha, que deshonra nacional!

E mais ainda bem que o bispo de Coímbra e o seu cabbido commetteram * a vergonhosa acção de abandonar a antiquissima e veneranda sé da que foi por seculos capital do reino, em que floresceram prelados illustres por sciencia e virtudes, varões de de tanto nome e merito, — a que não hão de chegar decerto os modernos desertores do veneran-

* Na extincção dos Jesuitas em Portugal, o bispo e o cabbido de Coímbra abandonaram a sua antiquissima cathedral e foram occupar a igreja dos Jesuitas.

do e augusto templo.—Ainda bem, digo eu, que elles o abandonaram : senão ja estaria a ésta hora aquelle interessante monumento da antiguidade estragado e desfigurado com as modernizações *græco-gallas** que emplastam e emascaram em Portugal as mais bellas reliquias da antiguidade gothica—e sueva—e romana—e grega, que havia por nossos templos e palacios e edificios publicos. Se eu tivesse auctoridade pública mandava *un beau matin* desemplastar tudo isso, descaiar as pyramides, columnas e monumentos que abundam pelos montes do Minho e charnecas da Beira, pelos baldios do Alemtejo, por toda aparte, e que por toda a parte o mau gôsto tem caiado e emplastado—quando não destru-

* Graeco-gallas faz cacophonia em Portuguez, mas não importa. Chamo *græco-galla* uma especie ou *stylo* de architectura do tempo de Luiz XIV. que nem é grega, nem romana, nem oriental, nem gothica, mas uma mistura muito florída e recortada de diversos generos, muito carregada de ornatos e muito mesquinha e inelegante. E' *stylo* ainda hoje predominante em Portugal em retabulos de capellas e que taes.

ido pelos fundamentos : não sei porquê.—So se porque a estupidez e deshonra dos netos se envergonha da memoria dos avoengos—tam differentes !—Talvez.

Mas nada d'isto me lembrou ao entrar a porta da antiquissima igreja de Odivellas ; e co'a imaginação toda cheia das pacíficas glórias do grande Diniz, entrei possuído de respeito no sanctuario em que repoisam suas cinzas.

Desappontamento—desappontamento inglez—que não ha outra palavra em lingua nenhuma que expresse o que eu senti—desappontamento tam triste e tam aguado, nunca o provei. O interior da igreja é exactamente o tal mixto hermaphrodito de architectura amphibia e ridicula, de dourados e marmores fingidos, e columnas anômalas que a nenhuma *ordem* pertencem—ou mais exactamente, formam a nova ordem *asnatica* adoptada para a construcção de quasi todos os novos edificios de Portugal, e para a *emplastação* e degradação de todos os antigos.

E o sepulcro, o tumulo de D. Diniz, qu'ê d'elle?—Não é nenhuma d'éstas sepulturas razas, espero eu

ao menos. Não.—No altar mor? Não. Absolutamente não apparece. Em fim deparei com um pobre homem, assim coisa de sacristão, muito velho e muito bruto, que me valeu de *cicerone*. “Hade ser n’aquella capellinha velha á esquerda.”— Como! n’êta aqui, abandonada, cheia de teias d’aranha, indecente!.....E era n’essa; n’essa estava o tumulo de D. Diniz: uma especie de sarcophago meio moderno *afrancezado*, meio antigo *agregado* ou *egypcianado*, feito de estuque, pintado a *morte-côr*, fingindo pedra lioz, as armas de Portugal, tambem pintadas, na frente, mas pintadas como hoje as pinta e grava e esculpe a geral e descuidada ignorancia,—escudo redondo (que nunca foi escudo Real) coroa da Senhora da Conceição (que nunca foi coroa portugueza): semsaboria e ridicularia vulgar nos sellos publicos, na moeda, nos edificios do Estado, em tudo:—que até n’êtas coisas pequenas está Portugal degenerado, mudado e parodiado.

Pois nem o singelo monumento do grande rei D. Diniz escapou á emplastagem universal? Nem o respeito á sua memoria, nem a veneração a tam

honradas cinzas, nada valeu!—Coitadas, as pobres freiras, e o toicinhudo confessor (o convento é Bernardo e governado por Bernardos) cuidaram talvez fazer uma obra meritoria, uma honraria á memoria do fundador, caiaando-lhe, encalçando-lhe, borrandoo-lhe e sarapintando-lhe o monumento.

O meu cicerone teve a bondade de se ir embora e me deixar so á minha vontade fazer de meu vagar éstas reflexões, em que não levei pouco tempo. Quando eu mais imbebido estava n'ellas, e com os olhos machinalmente fitos no monumento, senti de repente aopé de mim signal de folego vivo. Acordei do meu quasi lethargo, e ao voltar-me encarei com um homem moço ainda, mas desbotado de toda a flor da idade, mal trajado mas de uma figura não vulgar, d'éstas que ficam, olhos vivos e penetrantes, e com um certo não-sei-quê extraordinario em todo elle, que me tocou. Tinha-se approximado de mim sem o eu sentir, e com os braços cruzados sôbre o peito como que me media com uns olhos tam vivos que pareciam entrar-me até o mais recondito de coração. Observámo-nos algum tempo em silencio. Rompeu-o elle. —“E' a primeira vez que

vem a ésta nossa igreja?....Se não sou confiado em perguntar.....”

“ —Faz-me muito favor. (A physionomia do homem, o som da voz, certo quer-que-fosse particular me prevenia em favor d'elle.) E' certamente a primeira ; e com grande mágoa e desconsôlo meu, a primeira que vim ver este monumento do nosso grande rei, que o vim achar.....”

“ —Desfigurado, mascarado, emplastado da ignorancia e perverso gôsto d'estes monges das *idades-barbaras*; que taes ou peiores são estes aqui. Estes Vandalos fizeram a essa veneranda reliquia nacional o mesmo que faziam seus confrades da *meia-idade* com os manuscriptos dos auctores gregos e romanos, que os raspavam, ou lhes comiam a tinta com suas esconjuradas drogas para aproveitarem o pergaminho e escreverem n'elle suas fradarias mysticas e glosas theologicas.”*

* Entre outras obras classicas da antiguidade que se teem recobrado fazendo reviver a antiga escriptura e apagando a dos monges, é o interessante tractado de Cicero *De republica*, que ha pouco se imprimiu.

Esta comparação engenhosa trazida sem pedantismo, e que mostrava ao mesmo tempo instrucção e gôsto, causou-me viva admiração: involuntariamente (tal é o poder dos maus habitos e preconceitos) voltei a contemplar a mal-roupida figura do homem, o ar humilde de seu corpo e trajo, que tam notavelmente contrastava com a expressão nobre do rosto, a pureza e correcção da pronúncia, o escolhido da phrase, e—mais, agora—ésta mostra de illustração tam pouco equívoca. O desconhecido penetrou no estado do meu ânimo:

“—Bem sei em que pensa, e não me admira o seu espanto. Parece-lhe impossivel que uma fraca figura como eu falle n'estas coisas com algum senso commum. Tem muita razão, e eu muito pouco juizo em ceder assim ao primeiro impulso involuntario, com que me desmandei de meu silencio e estupidez habitual. Seduziu-me o extasi em em que o achei contemplando esse monumento, e a *communhão* mental de nossas ideias. Quantas vezes tenho eu feito essas mesmas dolorosas reflexões, em

que o achei imbebecido, sôbre nossa actual miseria e degradação !”

Eu pasmava de olhar e ouvir o homem.—“Dá-me licença (lhe disse) que pergunte com quem tenho a honra de fallar ?”

Surriu-se com uma especie de affectação philosophica ; mas bem se via que era o amargor *misanthropo* quem lhe franzia os labios n'aquelle sorriso —*amarello*.

“——Sou um pobre homem, senhor : para que quer saber minha humilde condição ? Para perder algum pequeno conceito que eu lhe tenha merecido ? Mas eu não sou homem que occulte a a baixeza da minha esphera. N'isto sou bem pouco *Portuguez*. —Pois, senhor, sabera que sou *sacristão menor* d'êsta igreja, e o mais é, que muito *contente e satisfeito* da minha sorte.” E' escusado notar que as palavras sublinhadas foram ditas com um certo tom *emphatico* mui particular e expressivo.

Arregallei uns olhos muito pasmados : o homem tornou a sorrir, mas agora mais naturalmente, isto é, menos philosophicamente ; e continuou :

“ — Sim, senhor ; mas eu não faço nunca meias-confidencias : a minha historia é curta, e quando a conto é toda. Este velho que lhe mostrou o tumulo de D. Diniz, é meu tio ; elle é que é o sacristão principal do convento. Meu pae era lavrador abastado da vizinhança : quiz-me conego ou juiz-de-fôra ; fez-me estudar, mandou-me para a universidade, onde pouco apprendi ;—sahi do reino, viajei por paizes estrangeiros, onde apprendi muito. Assentei de não ser ministro nem da Igreja nem do Estado—por muitas razões, que são longas e fôra d’aqui. Emfim voltei á minha patria, mendigo, sem protecção (meu pae tinha morrido no emtanto cuberto de dívidas), e para maior tormento e desgraça com cabedal de lettras, que é a mais ruim fazenda que n’este paiz se póde ter,—contrabando, moeda falsa, peor. Vi-me sem mais achego nem amparo que este meu tio sacristão, velho rustico e ignorante, mas excellente alma. Foi a unica mão que se estendeu para me alevantar da miseria. Bejei-a com lagrymas, e heide servi-lo e ajudá-lo até o último dia de sua vida,—que, inda mal ! me não

parece longê. La se empenhou com os frades e com a abbadeça, de modo que me fizeram seu ajudante, uma especie de subsacristão ou coisa que o valha. Tomei resolução, conformei-me com a minha sorte : mais,—assentei de tirar partido d'ella. Todos aqui me teem por mais rudo, mais ignorante ainda que meu proprio tio : varro capellas, accendo velas, ajudo missas,—nos intervallos dou meu passeio por estes formosos arredores ; vejeto de dia, e ás noites,—á noite é que eu *vivo*. Sosinho, fechado no meu quarto leio, escrevinho, medito, rabisco, góso, *vivo* emfim. E ninguem me amofina, ninguem me intriga, me ralla, me mata,—porque ninguem me conhece. Vivo feliz, Diogenes n'um tonel de nova especie ; e um Diogenes que não dá nos olhos,—verdadeira felicidade. Accredite-me, meu ricco senhor ; ninguem se esconjurava de sua sorte se soubesse *annivelar-se* com ella. Eu defino desgraça, pobreza—a *desproporção entre o desejo e os meios de o satisfazer*. Quem não póde ensanchar os meios, não lhe resta senão cercear o desejo. Mas a quantos lhe chega fôrça d'ânimo para isso ?”

Não sei pintar a admiração e a especie de pasmo e absorção de todos os sentidos em que eu estava. O meu philosopho de genero novo continuou :

“ — Meu ricco senhor N..... (O meu nome : quem lh'o diria ?) eu conheço-o de Coímbra; era muito criança quando entrou para a universidade, mal se póde lembrar de mim : eu formei-me no seu segundo anno ; mas fui companheiro de um amigo seu, e conheço-o. Estou certo que me não hade trahir : seria perder-me para toda a minha vida, as-sacinar-me.....”

“ — Descance: dou-lhe minha palavra de honra mais sagrada. Porém não seja ésta a última vez...”

“ — Bem : mas isto é tarde ; os seus companheiros hão de vir por ahi em sua procura; e eu com elles não quero nada. Deixe-lhe mostrar o que é ainda visivel do tumulo de D. Diniz.”

Passámos com difficuldade por entre um dos lados do monumento e a parede da capellinha, e descobri a face opposta do sarcophago, a qual não estava emplastada e se conservava em sua primitiva rude elegancia:—um lavor gothico simples, com

sua orla semeada dos escudos de Portugal, ao uso antigo, de muitos castellos (i. é: mais de sette no escudo algarvio exterior) e várias inscripções latinas em lettra *monachal*. A luz do crepusculo escasseava ja; não pude decyphrar nenhuma das inscripções:—e era impossivel, creio eu, porque os começos e complementos estavam nos outros tres lados do tumulo enterrados no malditto estuque *iconoclastico*.

Eu que teimava ainda a ver se podia interpetrar alguma das inscripções, quando sentimos entrar gentes na igreja e ouvimos muitas vozes:—eram os meus companheiros que me procuravam. O philosopho sacristão summiu-se como um espectro; e eu, depois de muitos mottejos pela minha devoção que me tinha ha mais de hora e meia na igreja, voltei com elles para o adro ou largo do convento, onde ja as fogueiras annunciavam a folgança e alegrias da abençoada noite de San' João, e chamavam o povo da vizinhança, que acudia aos magotes com violas e festas, e tangeres e cantares, segundo os permittê e requer a orthodoxa solemnização de tam bemaventurada noite. Começaram logo a illuminar-se as

janellas das freiras, e a luzir pelas rotulas, pelas grades as airosas toucas e os feiticeiros veos—certamente *pouco avaros*—que de-vez-em-quando o lampejo de um lindo rosto, de matadores olhos inflamavam a imaginação dos nossos jovens poetas e lhes faziam dizer milhares de coisas bonitas.—Era electricidade que se estava desperdiçando.—“Vamos a isto ; a isto, rapazes!” foi a voz unanime. E brados de *mote, mote* !—aos quaes, depois de breve silencio, respondeu uma voz flautada e sonora, que parecia mesmo de um cherubim,—de quem não está costumado a coisas d'este mundo :

Amor seu faxo n'êsta noite apaga.

Debandou toda a phalange poetica ; passeou-se, esfregou-se a testa, roeram-se unhas até o sabugo ; e a final—palmas, *la vai* ; e sahiu o soneto seguinte, que transcrevo para divertimento e instrucção e edificação do leitor—que veja como nós estavamos devotos e bons-rapazes.

Amor seu faxo n'êsta noite apaga.

GLOSA.

Parabens, parabens, devotas bellas ;
Cupido converteu-se, e mui contrito
Vem, abjurando ao Paganismo o rito
Festejar ésta noite em Odivellas.

O arco e settas—atirou com ellas,
Quebrou tudo. Como elle vem bonito!
Tira-lhe o carro um alvo cordeirito,
E na aljava so traz floreas capellas.

Franqueae-lhe, não temais, vossa clausura,
Que elle hoje não faz mal a quem o aflaga,
E' pombinha sem fel, todo é doçura :

Tudo o contenta, qualquer coisa o paga;
E extinguindo ao desejo a chamma impura,
Amor seu faxo n'êsta noite apaga.

Seguiram-se colcheas, e mais sonetos, e muitas
versalhadas outeiras de toda a especie e calibre,
com muito e mui gullosa doce que as madres nos
deitavam, e que—ao menos para mim—não foi a
menos agradavel circumstancia da noite. Ja bem
adiantada ia ella, quando ainda eu brigava muito

embirrantе com uma malditta decima que nem pela fortuna se queria encaixar no mote. Era o sôbre-ditto o seguinte :

E' doce allívio chorar ;
Feliz quem póde fazê-lo !

Eu que tinha minhas certas razões para chalar com este mote, porque sabia *d'onde elle vinha*, estava martellando *rime et raison* para o fazer com pilheria. Mas nunca em minha vida fui tam infeliz : nem para traz nem para diante. Passeiava eu so e assim engasgado no meio do largo : a turba-multa dos vates e espectadores accumulada aopé do angulo que formam as duas alas do convento. Senti alguem atraz de mim, e que me tocavam no braço..... Adeus ! la se foi o consoante ! Valha-o a breca.

“ — Pois não está farto d'essas semsaborias ! Se quer continuar, perdoe, eu me retiro. Mas cuidei.....”

“ — E cuidou bem ; que é grande loucura :omeffeito estar-me eu aqui a moer, e a taes horas

da noite. Basta de outeiro. Mas elles estão encarniçados, e primeiro que acabem....”

“——Se quizesse vir honrar a minha pobre casa e entreter até que acabem, (eu moro aqui aopé) conversavamos.... Eu tambem gósto de versos, e por desgraça até os faço.... os fiz.”

“——Bravo! estou com a minha gente: vamos.”

Escuso dizer que um dos interlocutores d'este dialogo era o meu sacristão philosopho, o outro eu, que immediatamente acceitei o convite, com dobrada vontade depois que sube que o homem era poeta. Voltámos costas ao outeiro, e entrámos logo em uma casita pequena e humilde á sahida do largo. Fomos para o quarto do meu novo amigo, que era mui confortavel e aceiado em sua pequenez e modesto arranjo. Deu-me guapa ceia de saboroso peixe frito e salada, com delicioso vinho do sítio, puro e sem aguardente—coisa que abomino, perversa moda portugueza de conservar o vinho, que equivale a perdê-lo. Conversámos largamente e vagamente sôbre diversos objectos,—e viemos a

descabir naturalmente no capitulo dos versos.—

“Que lhe parece (disse eu) o que se tem feito ahi no outeiro? Os rapazes resuscitaram hoje com todo o brilho ésta antiga usança nacional.”

“—Sim; algumas faíscas de ingenho teem vislumbado por entre uma corja de semsaborias e disparâtes—que é o de que sempre se compõe um outeiro.”

“—Oh que blasphemia! se os meus compa-
nheiros o ouvissem....Ja vejo que é da tal escola estrangeira,—dos *horacianos*, ou dos *romanticos*.”

“—Não sou nada d'isso: não gústo de es-
cholas e detesto estrangeirices. Em tudo sou *Por-
tuguez velho*, e assim heide morrer. Mas a nossa
differença toda vai no fixar a epocha dos verdadei-
ros modelos. Os primeiros Portuguezes afonsinhos
eram gente semi-barbara, e em litteratura, em cos-
tumes, em linguagem teem pouco que se imite; os
degenerados Portuguezes que soffreram o jugo cas-
telhano sessenta annos a fio e desprezavam ja sua
lingua bella e sonora e natural para escrever na em-
pollada e presumpçosa lingua dos tyrannos, quem os

hade imitar? Tam pouco o merecem os que depois se seguiram e que não sabiam senão alambicar conceitos e guindar phrases descommunaes e desnaturaes. Outro tanto direi dos ultra-philintistas, dos ultra-elmanistas e dos ultras de toda a especie que hoje infestam e infectam a litteratura portugueza. O que fica, tiradas éstas epochas, são os bons tempos da monarchia, são os reinados da raça Joanina antes do captiveiro castelhano, e depois d'elle, o curto mas glorioso periodo que se comprehende na última parte do reinado de D. Jose e na primeira de D. Maria. Costumes nacionaes, linguagem (a dos bons auctores) tudo é portuguez legítimo, com as variações que o seculo, as luzes, a differente civilização produziram. E restringindo á especie, em que estamos, de versos, nos poetas d'essas duas epochas é que apparecem os nossos unicos mestres e modelos. Estudá-los cuidadosamente é indispensavel a quem quizer fazer versos portuguezes; imitá-los cegamente, não; já porque elles teem muitos defeitos que convem evitar, já porque ha muitas bellezas que elles desaproveitaram e que

nós não devemos. Este é o meu *credo poetico* nacional.

“Quanto a estrangeiros, convem estudá-los, convem imitá-los no que é imitavel, nacionalizando-o: mas o que faz gala de imitar ás tontas os estrangeiros e desprezar os seus, não é so tolo, é ignorante e estúpido.

“Eu fiz muito verso, muito verso mau, alguns soffríveis. Tenho queimado milhares, ainda ahi tenho muitos. Mas fiz sempre por fugir do vício das *escolas*: nem sempre o consegui; mas geralmente é coisa que detesto. Que quer dizer Horacianos, Philintistas, Elmanistas, e agora ultimamente Classicos, Romanticos? Quer dizer tolíce e asneira *systematica* debaixo de diversos nomes. Pois quando quero fazer uma ode *genial*—ou elegante de qualquer genero simples e natural, não é o *stylo*, a maneira de Horacio o melhor modelo?—Se faço um soneto ou um epigramma porque não heide tomar Bocage por meu exemplar?—Se se tratta de sublimes raptos lyricos—quem chegará tam alto como Francisco Manuel?—Se o meu assumpto é

classico, se o talho e adórno no genero grego ou romano, se invoco sua elegante mythologia, porque não heide ser eu classico, porque não heide afinar a minha lyra pela dos sublimes cantores que tam extremados a tocaram?—Mas se escolho assumpto moderno, nacional, que precisa um *maravilhoso* nacional, moderno, se emvez da lyra dos vates, tómo o alahude do menestrel ou a harpa do bardo, como posso então deixar de ser romantico? Que ridiculos não serão os moldes e adornos classicos do Parthenon ou do Pantheon embrechados n'este edificio todo gothico, todo romantico?—Não acha que tenho razão?”

“——Tanta, que me converteu. E não me vou d'aqui sem ver, sem estudar os seus versos. Por fôrça....”

“——Por vontade será, e muito boa vontade; que—deixe-os fallar—não ha poeta nem auctor de casta nenhuma que não folgue de mostrar as suas lucubrações, por mesquinhas que sejam.”

O meu philosopho abriu uma arca afonsinha, em

que havia immensa papelada de todos os tamanhos e descripções.

“——Prosas, versos, um totilimundi de escrevinhaduras (disse elle) está aqui n’esta arca de Noeh. Este é o primeiro bicho que sai da arca, e Deus queira que lhe não succeda como ao corvo da sagrada historia.”

Dizendo isto, tirou um grosso e pesado cartapacio informemente cozido a modo de livro, e deu-m’o. Abri no princípio, e dizia. **VERSOS DE JOÃO MINIMO.**——“Pois este é o seu nome?”

“——E’ o nome porque todos me conhecem. Quando eu andava no mundo chamava-me N.....; **JOÃO MINIMO** foi o que adoptei quando me fiz sacristão, e com que provavelmente me heide enterrar debaixo de uma d’aquellas lages, se Deus quizer, ou meu tio não morrer antes, que então....”

Comecei a ler; e interessou-me sôbre maneira a leitura. Pedi para trazer o livro, e obtive com certas condições, que tenho cumprido á risca.—Despedimo-nos com promessas de nos tornarmos a ver

cedo; e não tardei a ir reunir-me aos meus companheiros, que já fartos de versos, de doce e de freirrear, montavam os quadrupedantes ruços. Voltámos a Lisboa sem mais aventura nem coisa digna de se contar.

Li de meu vagar os versos do Sr. João Minimo, em que realmente achei, segundo elle dissera, muita coisa má, muita coisa boa, e muita coisa nem má nem boa.

Tinham passado alguns meses, e andava eu fazendo tenção de ir uma tarde a Odivellas ver o meu Diogenes sacrista, quando inesperadamente me entrou pela casa dentro um saloio carregado com uma arca enorme, o qual me appresentou a seguinte carta, que vai fielmente trasladada para informação do leitor.

Muito meu Sr.

Bordo do navio N*** de Janeiro 182..

Quando ésta lhe chegar, terei ditto um eterno adeus á minha patria. A morte de meu tio cortou

os unicos laços que me prendiam a este malfadado paiz. Não sei ainda aonde irei dar commigo: mas sei que hade ser para longe de Portuguezes. D'elles e de tudo quanto é portuguez me despeço para sempre. N'este número entram os meus rabiscos, de que o instituo legatario universal com auctoridade absoluta para d'elles dispor como intender,— com a condicção unica de que, se algum se publicar, nunca será senão com o nome de

JOÃO MINIMO.

Em virtude d'esta auctorização me resolvi a publicar o presente volume, que é a escolha do que me pareceu melhor d'entre a immensa farragem de versalhada contehuda na vasta collecção dos versos de J. M. que eu tinha trazido de Odivellas.

Das outras obras, que são muitas e de mui variado genero, prosas, versos, novellas, historia, moral, direito, &c. &c. darei pelo tempo adiante ao público o que as minhas circumstancias—e as do público —permittirem.

LYRICA.



I.

A PRIMAVERA.

Come, gentle Spring, ethereal mildness, come!

THOMPSON.

QUE estancia tam feliz, de Flora alvergue,
Mimo da natureza !

Que saudavel bafejo d'aura estiva
Me renova a existencia !

Doce a mansão das Dryades florentes
O olfato lisongeia ;

Ledo c'os filhos o cantor plumoso
Gorgeando esvoaça

De raminho em raminho, e vai na relva
Colhêr o tenro gomo

Da hervinha que desponta, e vem trazê-la
Ao fabricado ninho,

Onde a molle pennuge apenas cobre

Os caros pequeninos.

Tudo é vida, que pulla, que germina

Na alegre natureza.

Quasi se antolha, ao reviver dos troncos,

Ao nascer de mil plantas,

Ouvir a voz que ao Cahos tumultuario

A face deu primeira,

Toar de novo, re-crear os entes

Das semines do nada.

Ah! vós, que respirais ar empestado

Entre o murice e o ouro,

Que ignorais os prazeres da existencia,

Vinde, vinde comigo

No seio da risonha natureza

Conhecê-los, gosá-los.

Ella, que é simples como a flor dos campos,

Não creou para o homem

Dourada habitação, mentida estancia

De prazer depravado.

Aquelle a quem razão limpou dos olhos

Do preconceito as nevoas,

Preza seus dons, desliza a turba inchada

De estupidos pavões :

Em quanto elles o vacuo insaciavel

Do ingenito appetito

Errados buscam saciar á toa,

Ri de sua lida o sabio :

Furtando-se ao clarão de Phebo irado,

Entre louções verdores,

No mysterio da vida, nos prodigios

Da creação se imbebe.

Olha o matiz da flor, olha esse luxo

De purpuras e d'ouro !

Nem Salomão em toda a sua pompa

Trajou galas tam ricas.

Este campo, ésta vista appura n'alma

Os sentimentos nobres,

Virtuosos, singelos ; restitue

O homem á essencia d'homem.

Assim, latino Orpheu, cantor das Graças,

Nas modicas Sabinas,

Co'a philosopha musa ao lado, ao peito,

Passavas aureos dias.

II.

A SOLEDADE.

....Haec incondita solus
Montibus et silvis studio jactabat inani.
VING.

Oii como dilatar-se
Sinto no peito o espirito opprimido !
Como nova existencia
D'este ar da solidão vou recobrando !
Não sinto das cidades
O ar pestilente carregar-me os olhos,
Nem ouço o borborinho
Rugir-me em tórno, do insolente povo,
E a turba petulante
D'ociosos vadios circumdar-me.
Aqui n'este recanto,
Que mal o errado vulgo olhar se digna;

Desfructando prazeres
So concedidos a gosar do sabio,
Da vida affadigada
Repoiso brandamente no regaço
Da cara Soledade.
Oh ! porque ja, na aurora de meus annos,
No despontar primeiro
Do crepusculo tenue da existencia
Te quero eu tanto e busco,
O' solidão, amparo de infelizes,
Confidente de mágoas ?
De paixões virgem, socegado ainda
Não tem meu coração
Que vir contar aos echos de teus valles,
A's brenhas de teus montes:
E ja te busco, e ja tam docemente
Me imbebo nas delicias
Da suave tristeza melancholica
Que de teu seio spira !
Mau signal é, mau agoirar (me dizem)
Este fugir da vida
A's portas d'ella.—Embora: hóspede antigo,

LYRICA.

O' cara Soledade,
Me acoitarás então quando fugido
A pezares e angústias
Te for pedir consolação e alívio
Dos porvindouros males.



III.

A SÉSTA.

Veniam merridiatum.

CATULL.

DE um sereno ribeiro ás frescas margens

Bordadas de boninas,

Na mão nevada repousando a face,

Lilia, a mais bella das gentis pastoras

Socegada dormia.

Ella dormia ; e zephyro ligeiro

Timido e respeitoso

Nem se atrevia a sussurrar-lhe em tórno,

Mais placida corria a debil onda

E o plumoso cantor nem murmurava.

O sol, que no zenith

Vibrava raios na mais alta esphera,

Parecia afastar-lhe ao longe a calma.

Espresso freixo, que rodeiam myrthos,
Longe estendia a cupula frondosa
E vaidoso do abrigo que prestava
De namorado requebrava os ramos.
Aos pés da nympha a medo se bejavam,
Quasi affogando o gôso,
Sem lascivo arrulhar, meigas pombinhas.
Mal lhe cubria os membros delicados
Pouco avaro sendal candido e fino :
Via-se a perna, resvalando a furto,
De pulido marfim que d'alvo cega;
Via-se a fórma do elegante corpo,
E o delicado seio
Suave palpitando
Em doce, voluptuoso movimento.
Dos labios entre-abertos lhe spirava
Mais divino perfume que a ambrosia ;
Pouco restava ao soffrego desejo
Debil imaginar de almos thesouros.
Julguei da equorea Chypre nas florestas
Ver a meiga Erycina de cansada
Por Adonis chamar que adormecêra.

Manso e manso approximo, em cada passo,
Confuso, arrebatado
Cuidando commetter um sacrilegio.
Afasto a medo os ramos invejosos,
Ah! Lilia reconheço ; Lilia, a ingrata
Que ha muito me fugia : corro a ella,
Coméço a lhe bejar as roseas faces,
Bejo-lhe as niveas mãos e os garços olhos :
Nas veias me pullula ardor celeste

Osculo ardente

Do brando seio

Ja sem receio

Lhe ousou roubar :

Prazer celeste

Lhe entr'abre os lumes,

E mil queixumes

Ia a formar :

Vou applacá-la,

Balbuciâmos

E ambos ficâmos

Sem respirar

IV.

NO ANNIVERSARIO DE FILINTO.

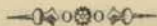
A UM AMIGO.

Cuncta festinat manus : huc et illuc
Cursitant mixtæ pueris puellæ :
Sordidum flammæ trepidant rotantes
Vertice fumum.

HORAT.

TEREMOS do bom Porto os copos tintos,
Tambem virá Madeira,
O saudavel, ameno Carcavellos,
E o topazio brilhante
Dos campos de Tubál, cheiroso e bello,
C'o recendente Pico ;
Não em douradas exquisitas taças,
Mas em puros crystaes.
Corre, amigo, que o lombo acostellado,
Coroado de batatas

Ja la vejo do espeto retorcido
Fazendo-me negaças.
A meiga Armia, a minha doce amiga
Dourará nossos gostos :
Vem, não tardes, que os copos ja retinem.
Vem, que por mor festejo
A' memoria do nosso gran' Filinto
Ja levantar mandei
Sumptuoso mausoleo d'alto relêvo :
Acude e corre, amigo,
Antes que no-lo pesquem lambareiros :
Vem, que é de trouxas d'ovos,



V.

A INFANCIA.

A UM MENINO.

Tel dans um secret vallon
Croît à l'abri de l'aquilon
Un jeune lys, l'amour de la nature.

RACINE.

AURORA da existencia, infancia amavel,
Idade abençoada
Da mão que rege, que aviventa os dias;
Doces, tenras primicias
Do gôso d'almo ser, da essência d'homem;
Mimo da natureza,
Da candida innocencia bafejado;
Breve, mas linda flor
Sôbre o gomo da vida despontada,
Infancia!—oh meiga idade!

Ah ! no facil prazer de simples gôsto,
De mui sinceros brincos
Estreitando mentidas esperanças
Ao prazo d'um momento,
E aos desregrados voos do desejo,
A' mesquinhez do enjoo
Ignorancia feliz sem fôrça oppondo,
Ves no porvir remoto
Sem asco, sem desdem, porque mui longe,
O pavoroso aspecto
Da abhorrecida, misera velhice,
Que os mal seguros passos
Vai na fouce da morte abordoando,
E os membros engoiados
Ao gélo do sepulcro estende, e treme
C'o frio horror do nada.
Infancia ! oh quadra mais gentil da vida,
Risonha primavera,
Quanto mais doce que o fervente estio,
Que o tormentoso outomno !
Avara natureza ! ella é tam breve,
A manhan da existencia !

Quam tenue pouco e pouco a flor desbota,

Esvai, murchando, e sécca !

Eis o calmoso estio :—brilha em fogo

Clarão sulphureo e rubido,

Sol de ardentes paixões, astro sem orbita,

Tumultuario planeta,

Que ao bem negando as criminosas luzes,

A falsarios prazeres,

A solapados, encubertos males

Presta fulgor terrivel.

Paixões ! barbaro dom da natureza !

Carniceiros verdugos

D'humanos corações, que em vossos grifios

Espedaçais cruentos !

Ah ! longe o bafo pestilente e sordido,

O halito da morte !

Longe do imperio vosso existe e folga

A mui fagueira idade.

Infancia ! oh doce, carinhoso enlêvo,

Objecto suspirado

Da minha saudade, dos meus prantos,

Dos crus, amargos prantos

De acerba dor, no venenoso caliz
Do tormento vertidos.
Prantos que um deus cruel, o deus das mágoas,
O refalsado numen
Dos seccos, roxos, macerados olhos
Vaidoso arranca ainda ;
Que sôbre a campa, que escavou co'as settas
E surrindo me apponta,
Folgando atraçoado, zomba e mofa
De meu gemer e angústias ;
Um despota, um cruel..... Amor — Socega ;
Não chores, tenro infante.
Ah ! ja tremes de ouvir-lhe o nome horrivel ?
Sentes o som stridente
Da pejada pharetra ?—Oh ! longe es d'elle :
Teus olhos innocentes
Não podem ver-lhe a face desabrida.
Amor (socega) é monstro ;
Mas, se um deus bemfazejo, um deus amigo
Lhe imbebe a furto as settas
No suave licor d'alma virtude,
De innocente desejo ;

Então, em vez d'horror, dos tiros brotam

Ineffaveis delicias :

Então, falsado o intento ao sevo numen,

(Mas quam raro prodigio !)

Nectareo favo de ventura e goso

Doce do peito estila;

Foge o bando cruel de infidos zelos ;

Pura, suave chamma

Em virtuoso altar recende e brilha;

Aurea, gentil cadeia

Sinceros corações enlaça e prende.

Taes o ceo bondadoso,

Tenro menino, em prosperados dias

Prazeres te future.

Tal conheças amor, qual puro e candido,

Innocente rebrilha

No seio á Divindade. Oh ! fixa os olhos

Des-criminosos, tenros

No mui ditoso par d'ingenuos, caros

Auctores do teu ser :

Ve como em sancta união mutuam fêrvidos

Suavissimos deleites ;

Como ternos suspiram, como existem
Nos braços da ventura.
Delicias conjugaes o mimo e incantos
Lhes aprimoram, vertem.
Le nos olhos gentiz da bella esposa
Seu fado lisongeiro
O satisfeito esposo : ei-los se espelham
Na cópia suspirada,
Dom tam pedido aos ceos, dom grato e meigo
De mui caroaveis numes.
Nymphas do Lima, dae, trazei alegres
Recendentes boninas ;
A mãos cheias vertei, coroaê-lh'as frontes,
Matizae-lh'as pisadas :
E, se o vosso podêr se estende ao olvido,
Se da tenaz memoria
C'o mago incanto das formosas aguas
Cortais lembranças vivas,
Oh ! piedosas deixae ao par sincero
Dos candidos esposos
Doces ideias de prazer, ventura ;
E por memoria grata

Das virtudes dos paes, na cópia amada,
No mimoso transumpto
Do filhinho gentil, vivo traslado
Deixae á humanidade.



VI.

FILINTO.

'A patria sagrou tudo,
Tudo sagrou a ingratos.

FIL. ELY.

PORTUGUEZES, morreu !...D'aquelles labios,
D'onde manavam de Hyppocrene os melles,
D'onde angelicos sons coavam n'alma,

Sahiu o último alento.

Aos mui carpidos, dolorosos brados
Em que o Sena rompeu, um pouco ainda
Lavrou no coração mágoa sentida

Ao Tejo evergonhado.

Filinto é morto. As derradeiras vozes
Do vate, ja c'oa morte á lucta extrema,
Foram, entre ais de amor, de saudade,

O adeus á patria ingrata.

Desamorada mãe, o filho egregio

Um filho tal ! Não, musa, o veo do olvido

(Se é possível corrè-lo) á acção nefanda

Com dor sôbreponhamòs.

* Patria é dos sabios o universo inteiro:

No eterno alçar de estremada glória,

Sobranceiro aos vaivens d'homens, de fados,

Seguro existe o vate.

Ah ! lagrymas, so lagrymas nos restam :

Afrouxo os olhos se debulhem n'ellas,

Innunde a campa que lhe guarda as cinzas,

O pranto do remorso.

Oh ! nem vos peje, o'Lusos, derramá-las :

Vêde o côro gentil que impera aos evos,

Das fatidicas virgens coroadas

Em feral rama as frentes.

Alquebradas de dor, ei-las em turma,

E o deus que tanto o amou, mudo, a desleixo,

Descoroadas da luz que inflamma os peitos,

Que a mente lhe avexára,

Tardio os passos, demudado e triste

Apoz ellas caminha Aonde, ó musas !

Fugidias ? Ah! sim, longe da terra ;

Sim, que Filinto é morto.

“E’morto”—Em som funereo, em voz de lucto

Brada o côro donzel viuvo, afflicto :

Morta é com elle a sonora lyra

Que dera aos Lusos vida.

Desentoadas as divinas cordas

Esbambeadas, frouxas, nem dão visos

Das que ao Lethes, á morte, ao tempo, ao fado

Tantos heroes roubaram.

A lyra, onde entonando o collo erguido

Aos gritos da razão e da virtude,

Alçou tropheos a liberdade augusta,

Tremolou estendartes ;

E de Penn a moral, e o esfôrço ardido

D’Washington, de Franklin soou com glória,

E a mui lidada, pertinaz constancia

Do povo Philadelphico:

Onde em sublimes, arrojados extasis

O vate embevecido alteia os voos,

E audaz a par e par c’os novos Gamas

Topéta o firmamento :

Clama no enlêvo do aquecido ingenho
Que é roubo aos penetraes da natureza,
Mas que, sem medo ao pégo, Icareas artes

As leis hãode inverter-lhe.

Ja sons mais doces lhe aprimora a deusa
Que entorna a vida aos gomos do universo ;
E em nectar voluptuoso derretidos

Dos labios lhe deslisam.

Languidez do prazer lhe imbebe a mente,
E em devaneio doce transviado,
Com mão incerta tentando as cordas

Fita gososo a diva.

Como no rapto os olhos mais que humanos
Mysterios divinaes prescrutam, fitam !
Ei-lo rival do vate de Epicuro

A natureza abraça.

Mas oh ! que a mãe dos candidos amores,
De agradecida aos dons, aos ais maviosos,
Lhe doa a que o pastor vencêra do Ida,

Enfeitiçada zona.

Arôdo as nuas Graças prazenteiras
Risos, jogos brincões lhe affluem, sparzem ;

Meigos entoa enamorados metros,

Desleixadas cantigas.

E a que tam doce ri, bella Delmira,

E a Sapho Alcipe, e Daphne, e a quantas coube

Ternas beldades a ventura illustre,

Vivem nos sons divinos.

Mas ja firmado em solida exp'riencia,

Nos vaiyens da fortuna acrysolado,

Da virtude, da san philosophia

Nos dictames se imbebe:

Aos amigos louvor, louvor a Horacio,

A'virtude, á razão, á liberdade,

No mestre de Venusa o fito, os olhos,

Hymnos entoa sacros.

De longe incita os animos briosos

Dos tam amados seus tam caros Lusos ;

Do acovardado, misero lethargo

Os chama a glória e punge.

Em geniaes, agradecidos canticos

A bemfazeja mão celebra e louva

Que ás mãos griffanhas de açulados tigres,

Escudando-o, o roubára.

Ou galhofeiro, por despir augústias,
Dar largas ao espirito agitado,
Ao fausto Bromio entoa c'os amigos

Festivaes Evoés.

Ah ! que, limites desconhece o ingenho
Do vate a quem fadou no berço a musa !
Francos lhe abriu do Pindo almos thesouros,

Quantos encerra, Apollo.

Centelha em fogo do cantor d'Olympia,
Arde, ferve, trasborda e rompe e rue ;
Da-lhe rebate ao sangue o extasi d'alma,

Transpõe a natureza.

Qual deliriosa em contorsões fatidicas
C'odeus que a preme a Phebade relucta,
E anciada, os olhos envesgando, ulula

Mal intendido orac'lo.

Ja d'Albuquerque a temerosa dextra
Rompe alfanges d'Ormuz, xaras de Goa,
E ao som tremente do terrivel bronze

Malaca esbroa os muros.

D'em-tórno ao ferro lhe esvoaça a morte,
E as férvidas phalanges ladeando

A um bote portuguez se apinham cento

De escalavrados Indios.

Derrocam torreões, alcaçar's ruem ;

Curvam despotas mil joelho altivo,

E sóbre as ruínas triumphaes tremola

Mão vencedora as Quinas.

Castro, o Fabricio luso, o Quincio, o Fabio,

Pacheco, o Scipião na glória é esforço,

Scipião nas virtudes, na desdita

Do abhorrido ostracismo ;

Vós, honrados de Lysia e honra d'ella,

Tambem da lyra as cordas lhe afinastes ;

Tambem lidando em canto ardente e novo

Vos engrinalda a fama.

E qual ha hi nos fastos portuguezes

Que digno fosse de estremado nome,

Que não lhe deva incenso, altares, templo

No bipartido monte ?

Ou na trompa marcial victorias troe,

Ou patrios cysnes descantando á lyra,

Nos harmonicos sons embevecido,

Endeusado os admire.

Ora clamando aos hospedeiros Gallos,

Ora aos rusticos Batavos pesados :

“ Meonias tubas, Mantuanas cordas

“ Tambem possuem Lusos :

“ Primeiro que entre vós ja nos luziram

“ A aurora, o sol das artes, do bom gosto ;

“ Godofredo e Salem não víra o orbe,

“ Nem donaires d’Armida,

“ Nem vizinho aos confins do Eden vedado

“ Chorára o pae da triste humanidade,

“ Nem Davidicos sons a harpa germanica

“ Pulsára ao Deus ja homem ;

“ E nós á mestra, á douda antiguidade,

“ Nós ao porvir mostravamos suberbos

“ O Gama abrindo as emperradas portas

“ Da não—sabida Aurora,

“ Galgando cabos, arrostando em face,

“ Luctando, *arca por arca*, c’os revezes,

“ Fitando ardido, desdenhando ameaços

“ De Adamastor irado.

“ Inda nas margens do affamado Sena

“ Hervadas settas em delirio, em crimes

- “ A' esposa de Theseu do peito anciado
 “ Não arrancaram prantos ;
“ Nem sons carpidos da infeliz Zaíra,
“ Esvaecida d'amor, firme á virtude,
“ Deram ao vate em lagrymas, suspiros
 “ O applauso do universo ;
“ E ja nas brandas veigas do Mondego,
“ Na soidão formosa extasiado
“ Um Luso empunha o sceptro de Melpomene,
 “ Euripides hombrea.
“ Beldade afflicta em pranto se definha,
“ Clama em vão pelo esposo que a não ouve,
“ E os olhos turvos devolvendo ainda
 “ Aos tam caros filhinhos,
“ E iinda estendendo amortecidos braços,
“ Inda affagando imagens do seu Pedro,
“ Entre os amplexos maternas espira
 “ Balbuciando o esposo.”
Tal inflammado em zêlo o vate exclama,
Tal brada á Europa : ferve-lhe nas veias,
Brioso n'alma lhe pulula e vive
 O amor da patria cara.

Por ella empunha assacalada fôuce
E affouto corta os vicios enfezaðos
Que d'arrebique estranho affeiam sordidos

A tam formosa lingua ;

A' lingua de Camões, que ousaram barbaros
Com mescla vil manchar, turpar-lhe as galas,
Tal que se a víra a deusa que a amou tanto,

A des-crêra latina.

Por ella alteando mais o plectro á lyra,
Apontando-lh' os seculos famosos,
Evos de glória, de estremados feitos,

De affamados prodigios,

Do ocio covarde os animos argue,
E pela voz do despota dos máres
Agros convicios dezatando iroso,

Lh'excita os peitos froxos.

Mostra-lhas ricas plagas do Oriente,
Tam regadas do sangue lusitano,
E o sceptro augusto dos ceruleos máres

Nas mãos do Dace e Bátavo.

Oh vate, oh numen, oh brazão perenne
Do portuguez renome ! em seio ás musas

Bebes-lhe n'alma altiloquos mysterios

De remontados estasis !

Ei-lo rival do voluptuoso Ariosto

Cavalga affouto hypogriffos alados,

E aureas, priscas ficções de heroicos tempos

Renova em doce metro.

C'o auxílio amigo do fiel menino,

Huol co'a espada de incantado gume

Talha gigantes, despedaça a esmo

Ruíns, descritos Mouros ;

Grizalhas barbas ao Soldão arranca,

Rouba-lhe em trôco a donairosa Amanda,

E aos magos sons do portentoso corno

(Especial condão !)

Com affanosa, derrengada dança

Austeros cenobitas poleando,

O pranto, admiração, piedade e riso

No vário canto junta.

Ingenuas graças de nativo pico,

Attico sal do brando Lafontaine,

Mimoso incanto de gentil simpleza,

De loução deزالinho,

Com arte mais que humana aos Francos rouba;
De oppostas linguas os thesouros abre,
Depar-empar franquea-lhe os segredos,

Pasma co'a Lysia a Gallia.

Musas, o canto é longo, a voz fraquea.....
E agora quando intento erguer-lhe os voos,
Beber no seio a Phebo almos segredos,

Patentear-lhe o sacrario ;

Agora.....oh dae socorro ao vate anciado,
Subi-me á esphera que domina os orbes ;
D'Apollo um raio fulminae no canto.....

Não : dae-m'o de Filinto.

E' delle....Sim nas veias se me imbebe,
Corre, pullula, ferve, espuma, agita-me.....
E' delle. ..A mente alhea, acode ao peito

A vida.....o fogo.....os extasis...

Quaes firo novos ceos ! que estrellas tópo !
Que mundos estes são !...Fugiram d'homem
Ideias, sensações ! O Pindo, o Olympo,...

Elysios.....Não são estes.

Coam divinos sons do ouvido n'alma

Eternos aleluias ! Face a face

Quasi que o vejo... O Ser que impera aos seres

O Deus, o numem unico !

O brilho, a luz da glória me deslumbra;

Curva côro d'anciões a frente ao Agno;

Abre-se em par septi-sellado livro;

Quaes decretos escuto !

“ Jovem ditoso os crimes se apagaram ;

“ Eis a coroa, a palma. . . ” E' ganho o mundo:

Triumph a luz, e as trevas accossadas

Ja de rondão no Barathro.

Oh que formosa, candida donzella !

Que meneio gentil no ad'man tam simples !

Alva dos hombros lhe devolve a veste,

Cinge-lhe a frente o louro.

Homerea virgem, oh quanto mais linda

Sob os trajos d'Ignez ! quanto mais ternas

Dos meigos labios vozes se deslizam,

Avitos soam canticos !

Como as choreas festivaes guiando,

Garbo donoso a sôbre-sahe a todas !

Como transviada na tortuosa senda

Do monte que descia

Clama em vão pelas Nayas que a não ouvem,
Amesquinha-se em vão, chora—Eis depara
A'luz dos raios tremulos de Phebe

C'o adormecido joven.

“Não es Endimião?”—“Não es um anjo?”

Dizem.—Ja d'ambos puro amor nos peitos
Settas varára que embebêra em doce,

Celestial arrobe.

Com que suaves práticas enganam
As fadigas da estrada! Como splende
Na boca pura do Arcade mancebo,

Luz de verdade eterna!

Que ameno quadro aos olhos se affigura,
Coa no coração doçura e gôso,
Quando em contraste com ficções idólatras

O do christão viver!

Oh! na singela narração que incantos!
Soam-me n'alma ainda os echos oucos
D'abobedadas catecumbas lobregas

Quando o silencio funebre

Constricta devoção lhes corta em hymnos.

Como é terso e viril, pomposo o stylo

Quando nos pinta o Capitolio erguido
C'os depojos vergando !
Quando Romanas denodadas hostes
Com as cabildas Francas baralhadas,
Quando a simpleza dos costumes rudes
Vigoroso descreve !
Inda de horror as carnes se arripiam ;
Inda c'os roucos sons retreme o ouvido !
Depar-emparr do Inferno em bronzeos gonzo
Rugindo as portas rompem
Oh que espantosa confusão de abysmos !
Tormentos ums sôbre outros se amontam,
E em pé sôbre elles, requintando augústias,
Se allongã a Eternidade !
Ouço aldavadas nos portões da morte ;
Vejo um ramal de lagrymas gelado
Pender d'olhos ja seccos, ja queimados
Do ardor acre do pranto !
Vejo . . . Não ; cerra, ó musa, a negra estancia,
Tapa-lhe o boqueirão c'o atro penedo
Que a separa do Cahos. Fita o rumo,
Guia a visões mais brandas.

Os meigos sons d'amor volve-me á lyra,
Volve-me o doce metro desleixado,
Ais deliriosos, lagrymas sentidas,

E a dor que affaga e punge.

Mostra-me á toa pela selva escura
A inculta virgem, desfraldando ao vento
Os não cuidados ja, sacros adornos,

Que a paixão desalinha :

Quando entre annosos, descarnados troncos
Co'a simpleza d'amor, que ignora enfeites,
Mostra sem arte o coração que anceia

Ao tam esquivo amante :

Diz-lhe (e entre as ramas encondido a furto
Surriu maldoso o deus que lh'o ensinára)
Diz-lhe que é ella que murmura n'aura,

Que suspira na fonte :

Como ao sentir o coração do ingrato
Sob a tremente mão pulsar tam lento,
Lhe esfria a esp'rança, lhe regela n'alma,

Corta-lhe a voz nos labios !

Ja devaneia tremula, e suspira,
Ja sôbre o pico de rochedo alpestre

Nova Sapho a arrojarse ao mar que freme,
Que em fragas oucas quebra.

Quasi...quasi...Ah! supende, ingrato Eudoro:
Tanto amor!...tanta fe!...Veda-lhe um crime.
Um crime!... E é tal o teu? Foste piedoso?

Foste mais deshumano?

As doçuras d'amor, vivos prazeres
Com negro fel d'esqualidos remorsos
Misturaste, infeliz! Viste (e no peito

A ferrea mão d'angústia

Sentiste o coração ir-te affogando)
Viste o ancião deshonorado, o pae tremente
Vibrar o dardo imbelle; e morribundo,

Horrendo, amaldiçoar-te.

E ella!...Ao collo gentil eis volve a fouce;
O sangue que a bolhões desata o golpe,
Lhe murcha as rosas, lhe ennoitece o lume

Do olhos já tam bellos.

Qual flor mimosa ao sol do estio ardente
Pallida encurva a háslea delicada,
Morre, e inda bella no deliquio extremo

Suspira Eudoro....Eudoro!..

Deusas do Pindo, ah ! ja não póde o vate

Nem rastejar-vos ! De cançada, a lyra

Incertos sons confusos, desvairados

Mal entoar ja póde.

E pude tanto ! e ousei cantar Filinto !

E ainda ousarei seguir-lhe o voo altivo,

Ja nas do Nilo catadupas bravas,

Ja nas soidões do Egypto,

Onde em furor prophético extasiado

O solitario ancião futuros rompe ;

Ou pelos sacros do Salem vestigios

Prodigiosos, divinos ?

Direi memorias da guerreira Sparta,

Ou do austero Lycurgo,—ou de Leonidas

Que o ferro, outrora defensor da patria,

Ao novo amante esposo

Presta á defesa da virtude amada ?

Direi as fallas concertadas, nobres,

Com que ante a curia, que ladeiam impios,

Orador denodado

Ousou apró da causa da verdade

Expor-se ás íras sanguinarias, cruas

Do fanatico vil, do atheu surberbo,

Do atraídoado hypocrita?

Direi na arena entre açulados tigres

O adeus, o extremo adeus do amor mais puro?

E a morte já não feia, não terrível

Entre as lucidas palmas?

Não musas, não: baldado o arrójo ardido,

Co'a despenhada, vergonhosa quêda

Fôra dar nome a não sabidos máres

Co'as atrevidas pennas.

Creae, creae na minha patria, o' deusas,

Novo ingenho que hambree co'a alta empreza,

Dae-lhe inda mais que a quantos bafejastes

As paternas riquezas:

Dae-lhe altiloquo e doce e puro stylo,

As côres, os pinceis da natureza?

Seja um deus... ou (se tanto inda podesseis!)

Seja um novo Filinto.

VII.

AS FÉRIAS

A UM AMIGO.

Vejo, mas longe, vir surgindo um dia,
Que hade pôr entre mim, entre estes Getas,
Terra em meio.

FILINT.

E em que pensas, amigo, que se occupa
N'este grande aldeão que chamam Porto,
O teu G. . . . amigo ?—Come e ronca,
Come, e torna a dormir.

Dormir! que bella vida! E nos pequenos,
Lucidos intervallos, por debique,
Duas odes de Filinto, uma d'Horacio,
Tres scenas de Racine.

Que vida! A longe e longe, um rober d'Whist,
Mais longe ainda, breve *passegata*

Ao monte das irmans, castas donzellas.

(Castas, sim; que não obsta

A auctoridade de Camões brejeiro;

Porquê, se a Orpheu *pariu a linda dama*,

Como d'antes ficou donzella e casta,

Virgem depois do parto.)

“E o namôro? (dirás) Abunda o Porto

“Em Delmiras, em Marcias, grato emprêgo

“De um rapaz amador do bello sexo,

“Enthusiasta e callido.”

Foi bom tempo esse tempo do namôro :

Muitas ja me roubou horas e dias,

E da amiga pachorra á gorda pança

Me cerceou bom naco.

Acabou-se : n'um—*cercle*—o mais luzido

Passeio agora os olhos indiff'rentes ;

Qual arrotando, espriguiçando os braços,

Bocejando a-miude,

Inda sabendo a boca a ferros velhos,

No outro dia de longa comezana,

Mui disputado *toast*, em lauta meza

Fastiento attentára.

“E a sucia galhofeira dos rapazes?”

—Rapazes! Não conheces ésta terra,

Que perguntas por tal.—Aqui o germen,

Aqui os elementos
Escondidos estão que a vida nova
Hão de chamar a abastardeada especie
Da corrompida gente lusitana ;

D'aqui, d'onde houve nome
O velho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá. Presago vejo
Na geração crescente ir despontando

As feições renovadas
Com que a antiga familia portugueza
Se distinguia outrora. O brio, a honra,
Os são costumes, puro amor de patria,

A singela franqueza,
A nobre independencia d'outras eras
Resurgirão d'aqui :—e então o aspecto
D'esta formosa terra, hoje encuberto

De nevoeiros britannos,
Resplenderá co'a natural belleza
Que villões fidalguinhos de má medra,
Cockneys caixeiros, ignorantes frades

Agora lhe deturpam.
Oh ! quando te heide eu ver, patria querida,
Limpa de Inglezes, safa de conventos,
E varridas tuas ruas da immundicie

De fidalguesco lixo !

Irá com elle a sordida ignorancia
E o seu teimoso *bé*, nasal refôl'go
Que arripia, nausêa, aturde e zanga ;

Irá co'esses Gallegos
Coachar no lodo vil d'onde a mofina
Nos trouxe o sestro bracharo* malditto
Que o 'rotundo* fallar' de nossa origem

Tam feio corrumpeu.

Rusticas *Misses*, *Ladies* semsabores,
Em tolla affectação de inglez bronquite
Enfronhadas á fôrça, á fôrça gebas,

Desairosas bonecas !

Arrojae-me no Douro co'esses trajos,
Portuenses donzellas. — Quem podêra
Pleitear comvosco em formosura e graças

Se quaes sois vos mostrasseis !

Fórmis que Venus para si tomára,
D'essa mortalha de invenção fradesca
Quem as libertará ! Bioco negro,

De donde mal vislumbra

Raro lampejo de celeste face,
Oh, quem o rasgará ! Purpureos labios,
Em que Amor enfeixou de Gnido as rosas,

Em que o mel e as delicias,

Alvo dos bejos de sequioso amante,
Co'a mão divina dadivoso esparge,
Os labios meigos, que sorrisos douram,

Que entabrem lindas graças,
Quem lh'hade restituir o som canoro
Que torpes fradalhões desaffinaram
Com o ensino ignorante,—e o presumpçoso

Morgado la de *scima**

Accostumou ás inflexões galluchas !
Oh ! será teu podêr, ó sancto numen
A quem, porora, como a “ Deus ignoto”

Tacito adora o Luso

Em mysterioso altar, á occulta erguido
De çafaros patricios, de impios flamines,
E—oh ! mais que todos—do estrangeiro odioso

Que no insoffrido jugo

Nos rebitou os cravos que aballavam,
E, mercador xatim, de nosso sangue,
De nossa honra fez tráfico e ganancia

C'os bachás do tyranno.

*** Veja, para intelligencia d'êsta ode, e principalmente dos logares marcados com asteriscos, a nota final.

VIII.

A RECAHIDA.

Agnosco veteris vestigia flammæ.

VIRG.

VENUS! Venus! ainda no meu peito,

Inda acha que atear teu filho ingrato?

Do fogo que, ai de mim!—julgava extinto,

Do fogo, que ardeu n'elle,

As solapadas cinzas

Desprezada faisca inda encobriam!

Tenho inda coração? Não m'o arrancaram?

Feito pedaços pelas mãos dos zelos

Não acabou de todo?

Inda ousa o desgraçado,

Inda se atreve a suspirar d'amores?

E ella! a perjura! Não a vi sem pejo

A promettida fe quebrar tranquillã?

E os tam ditosos laços,
Que a mão perfida atára,
Impia co'a mesma mão despedaçá-los ?
Não vi aquelles labios, d'onde outrora
Tantas vezes pendeu minha ventura,
Que amor, por tantas vezes,
Constancia me juraram,
Não os vi pronunciar minha desgraça ?
Dos olhos, d'onde amor me cravou n'alma
Hervadas settas em delirio, em gôso,
Dos negros, lindos olhos,
Em que so me espelhava,
Que a mim so viam, so d'amor fallavam,
Não vi, fugindo, a lealdade candida
As niveas azas desprender ao longe ?
Os languidos suspiros,
Que, em doce devaneio,
Mandava outrora o coração aos labios,
Ante mim sem piedade não fugiram,
Inconstantes não foram n'outro peito
Buscar traidor abrigo ?
A nivea mão formosa,

Do acre bejo d'amor ja devorada,
Não a vi?.....Não; que os olhos desvairados
Tinham a luz perdida.—Amor perverso,

E ousas mostrar-m'a ainda !

Mostra embora : não temo,
Não temo o teu podêr, desprêzo o d'ella :
Philtros appura, nos farpões imbebe
Quantos enganos lhe poseste n'alma.

Alvo das frexas tuas,

O coração que buscas.....

Ella m'o espedaçou. Atira embora.



IX.

O VENTRILOQUO.

A UM AMIGO.

Dar-lhe-hão os escriptores
Doze milhões de louvores.

CAMÕES.

QUAL entre velhas, empeçadas rumas
De negociaes papeis,
Entre gordos, pesados calhamaços
Do—*deve*—e—*hade haver*—
Afflicto sua, sem achar-lhe o rumo
De arranjar os credores,
Commerciante infeliz, que ja fallido
Vendeu cavallos, sejes ;
Tal me vi eu pejado de bilhetes,
Que obsequioso amigo
Me enviou das margens do sombrio Douro.
Oh ! mal haja mil vezes

O que primeiro ousou roncar na pança !

Mal haja o chulo Momo,

Que tal ideia lhe verteu no bojo !

E tu, Rich'rand facundo,

Pudeste letras dar a tal asneira !

E o douto, guapo livro

Com tam nojenta cousa emporcalhá-lo !

Oh ! nunca os doces pratos

Dos succosos, opiparos manjares

A taes barrigas cheguem !

Bromio, se entrar a logrativa guella

Que nos agacha os cobres,

Fuja irritado os sons ventri-strepentes

Das grazinantes tripas.

Oh ! queira deus (se ha deus que reja os fados

Das humanas barrigas)

Ao loquaz charlatão com mão piedosa

Torcer-lhe o rumo aos ventos :

Volte-lhe, acima o som que vai por baixo,

E almiscare os narizes

Da curiosa, pedantesca turba,

Que ousar dar-lhe um so—x—.

Desgraçado de mim ! victima triste
Eu fui da tal sciencia ;
Vi-me coalhado de louções bocados
De papelão brunido :
Lidei, suei, dei voltas ao miollo,
Por espalhar (amigo
Do bem commum, das boas, bellas artes)
Os bonitos impressos.
Oh tempos ! oh costumes d'outro tempo !
“*Não ha quem faça bem,*
Nem sequer um :” diz a sagrada pagina,
Que é de fe nunca mente.
Nem sequer um !—Um houve : e este meu canto
Lhe erga padrão eterno ;
Padrão que arrote quantos *ventri-loquios*
Houver por esse mundo.
Pregoem-te nos oucos das barrigas
Quantos panci-fallantes
Deitar Deus nos quadriz d'este universo.
Irás, o' N***,
De bilhetes impressos coroado
Dar vaias ao porvir.

X.

A LIBERDADE.

..... Quæ sera tandem
Nos respicit.

VIRGIL.

Os ferros? .. os grilhões? .. E as mãos já livres!

E os descarnados pulsos

Desalgemados, soltos! — Nós escravos

Ja miseros não somos?

A patria é patria ja, nós somos homens!

Homem! tal nome é dado

Proferir sem vergonha! — os sanctos foros,

O eterno jus sagrado

Que da origem do ser nos soprou n'alma

A natureza augusta,

Ja não são crimes! Ja não sorve o abysmo

D'esqualidas masmorras

O que intrepido ousou bradar por elles
E com livres accents
Aos homens disse: “Erguei-vos, que sois homens!”
Oh prodigio, oh ventura !
Oh nobre arrôjo de esforçados peitos !
Tu, doce liberdade,
Sôlta dos torpes laços da ignorancia
Tu desprendeste o voo,
E em nossos corações, na voz, nos labios,
Oh suspirada ha tanto,
Vieste emfim pousar, vives e animas
C’o almo bafejo os Lusos.
Tu do nosso horisonte as densas trevas,
O envezado manto
Da hypocrisia vil, do fanatismo,
Da tyrannia accossas ;
Tu nos franqueias da existencia o gôso ;
E as ferrolhadas portas
Que o sacrario das leis da natureza
Arduas téqui fechavam
Tu nos abres em par :—homens ja somos !

XI.

OS MEUS DESEJOS.

Id arbitror

Adprime in vita esse utile, ne quid nimis.

TERENT.

SE entre os diversos dons da natureza

Me fôra dada escolha,

Não me attrahira o fasto das riquezas,

Nem a pompa da glória.

Brilhante ingenho, divinaes talentos,

Quanto folgára te-los !

Mais ah ! tantos no mundo os possuiram,

Foram tam desgraçados !

D'Achilles o cantor de terra em terra

Foragido esmolava ;

Brazão primeiro do renome luso,

Vate d'Ignez divino

Entre as garras da esqualida penuria

Desamparado espira ;

Sóbre o cume do erguido Capitolio
 Ja te esperava o louro,
Mago cantor gentil da linda Armida,
 D'Erminia, de Clorinda !
Do cysne de Vaclusa a sombra arguta
 Ja revoava emtórno
Quer ser-te guia, dirigir-te os passos
 Na difficil vereda
Eis apoz longa teia d'infortunios
 A morte E a morte é tudo !
Bardo sublime ! não bastavam trevas
 De mesquinha cegueira !
Tu que da miseranda humanidade
 Na harpa de Sion choraste
Primeira perda, tudo emfim perdeste :
 Tudo !... Restou-te a filha,
Sobejou-te a razão : que importa ao sabio
 O resto do universo ?
Empunhando a cicuta é grande ainda
 O modello dos sabios,
Consolando os amigos que o pranteiam
 E'venturoso ainda.

Deuses, Deuses, guardae vossos dons todos,
Vossas mercês, levae-as ;
Deixae-me um coração puro e sensível,
Um peito generoso,
Dae-me a ventura n'um fiel amigo,
Na razão dae-me um guia.



XII.

A SAUDADE.

...Desiderio....nitenti
Nescio quid charum.

CATULL.

SAUDADE! Oh saudade amarga e crua,
Numen dos ais, do pranto!
Deusa que os corações sem dó, sem mágoa
Tam cruel dilaceras!
Sinto, sinto o teu ferro abrir-me o peito,
E na chaga que abriste
Roçar-me as tranças desgrenhadas, humidas,
Que da pallida frente,
Sobre os torvados, macilentos olhos,
Sobre a face te descem.
Continuamente os barbaros ministros
De teu furor tyranno,

(Duras lembranças de passados gostos,

De fugidia glória)

Batendo as negras, as funereas azas

Dentro me esvoaçam n'alma.

Piedade! oh! por piedade um so momento

As angústias suspende.

Da ja convulsa vista um so momento

Oh! tira esse retrato,

Tira esse gesto, que adorei, que adoro,

Que amor por meu tormento,

Que a natureza pródiga formaram.

Da branda voz tam meiga

Porque imitar-me o som, coar-m'o ao peito

Dos cortados ouvidos?

Porque lembrar-me os dictos engraçados?

Porquê na face pallida

Renovar-me a impressão, que foi tam meiga,

Dos osculos lascivos?

Porque aos labios, que em fel azedo escumam,

De teu sópro crestados,

Mandar assomos de tornados bejos,

Do saboreado nectar!

Risca....Mas ah ! perdoa, ó sacra deusa,

A's sacrilegas vozes

De blasphemo delirio ! Oh ! volve ao peito

O pungir de tuas dores :

Teus ais, teu pranto são delicias, mimo

Dos corações sensiveis,

Os gemidos que arrancas dentro d'alma

São desafôgo ás mágoas :

Ternas memorias, deliciosas, meigas,

Sem ti que fôra d'ellas ?

Sem ti que fôra do prazer gosado ?

Sorveria um momento

Seculos tantos que ajuntou de gôsto,

Que accumulou sôbre elle,

Que, novo Prometheu, roubou do Olympo

Amor co'a mão piedosa.

XIII.

DIA DE SAN' MARTINHO.

Siccis nam omnia deus proposuit.

HORAT.

RAPAZ, que bulha é essa de chocalhos

Que me rasca no ouvido ?

Que matinada, que barulho é este ?

Vai ver, anda. Tu ris-te,

E ficas-te ! Não ouves ?—Mudo e quêdo

O magano a sorrir-se.

Sabes o que é ? Pois falla.—“O repertorio

(Diz o moço) ahi 'sta.”=

O repertorio !—Sim, e o *Borda-d'agua* :

Vejamos de quem reza.

San' ...San' Martinho ...Hoje ! isso é possível !

O San' Martinho !—E copos,

E garrafas, barris não ha na casa ?

E eu, rapaz malditto,

Eu co'a barriga empanzinada d'agua !

Eu c'umas sopas magras !

Eu de dieta !—Sim ; dieta. Oh ! louco,

Oh ! parvo que estou hoje.

Pela brecha do caco o pouco resto

Se evaporou da bolla :

Nem me lembrava ja o tal saltinho

De andante folestria.

Oh ! mal haja mil vezes o primeiro

Que ousou com mão damnada

Sóbre o espinhaço cavallar cingi-lo,

O atraçoado couro !

Mal haja esse patau de D. Quichote,

Ou quem quer que antes d'elle

A moda introduziu das Dulcineas

E de andar atraz d'ellas.

Mal haja a parvoa secia de ir buscá-las

A' Foz, ou ao inferno !

E que tinha eu que ver co'as taes meninas

Ou c'o seu fazer d'annos ?

E, se o tinha, não era mais bisarro,

Em felpudo jumento

De guapa albarda, aperaltado Sancho,

(E sem medo aos *manteios*

De incantada estalagem) tezo e crespo

Pela rua *Direita*

Mui direito fazer a minha entrada,

Mais fallada e brilhante

Que a do Marialva na imperial Vienna,

De régias vodas nuncio.

Disse brilhante ?—Sim ; brilhante, e guapa ;

Que a grazinante sucia

Da assoviadora, basta rapazia

Em garotal triumpho

Mui ancho havia acompanhar-me á porta

Da senhora dos annos.

E os assovios e a risota ?—Oh ! fossem

Escarros e chapadas,

E não me visse agora assim tam murcho

Almejando garrafas,

Sonhando copos, delirando frascos,

Botelhas e borrachas,

Barris, quartos e pipas. Tudo em vento,

Ai ! tudo, tudo em falso !

Condoei-vos de mim, festiva malta,

Galhofeira caterva

Do vinifero, placido Mondego,

E com piedosas fauces

A' saude bebei (antes por alma)

Do pobre irmão carissimo

Que ca longe chucha pelos dedos,

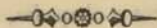
E, encarquilhando os beiços,

Co' alma nos copos que *trincaes* alegres,

De vossos gostos gosa ;

E apposentado, inválido chupista

So folga na taberna.



XIV.

O BRASIL LIBERTO.

Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegára.

CAMÕES.

HOUVE Grecia, houve Italia, e Sparta e Roma ;

Houve, e morreram, jazem.

Sec'los de ferro de enrugadas fronte

As sorveram no abysmo.

Crespas d'abrolhos, hirtas de ruinas

As terras venerandas

Que os pés calcaram de Lycurgos, Brutos,

Envolveu-as no opprobrio,

No olvido as sepultou, sumiu-lhe a glória,

Fugindo, a liberdade.

Crueis ministros do abhorrido inferno,

Reinae, reinae sem medo ;

Sôbre montões de cinzas, de cadáveres

Estendei ferreo sceptro ;

Hervae no azedo fel das taças negras

Os punhaes sanguinarios.

Eis em auxílio vosso armado, eis corre

Pejado de flagícios,

Affiando os grifos de empolgar sedentos

O traidor fanatismo.

O inferno, que os uniu, tremeu de vê-los,

E viu no mundo o inferno.

Eis fervem bonzos, remurmuram, fremem...

La c'o faxy da morte

Estalla crepitando a flamma horrisona

Da hypocrita fogueira....

Ai do infeliz que viu a natureza,

Que a viu, que ousou segui-la !

Ei-lo, aos pulsos grilhões, aos pés algemas,

Arremeçado ás chammas

La torce em convulções torrados membros :

Redobra a morte horrores.

Oh virtude ! oh razão ! oh liberdade !

Deuses ! de todo extinctas

Sôbre a terra as deixais? Não resta ao mundo
Senão gemer, carpir-se?
Oh! primeiro co'a dextra omnipotente
Que outorgou ser ao nada,
Primeiro ao nada lhe volvei a essencia;
Acabae-lhe co'a vida,
Que a vida em crimes não é vida, é morte.
Morra.... Mas quê! de novo
A novos mundos dilatais o globo!
Quereis mais crimes, vícios?
Ousadas quilhas de Cabral, Colombo,
Aonde, aonde o rumo?
Prenhes de ferros, de punhaes, de faxos,
Aonde as dextras cruas?
Que quereis d'essas terras innocentes?
“Ouro”—Responde a sordida
Cubiça do homem.—Ouro!—Ah! fome indigna,
Não *sagrada*, inhumana,
De quanto ha hi sagrado, quanto ha sancto
Profanadora impia!
Montezuma, Ataliba, ai! vossos gritos
Me retumbam no ouvido.

Que horror, oh natureza !—A novos campos,
 Não arroteados inda
De hervada charrua da maldade,
 Degenerada especie
Da terra ja caduca, vais, faminta
 De sangue e atrocidades,
Co'as esmirradas mãos semear, colhê-la,
 Ampla ceifa de crimes !
Corre-te, humanidade ; o velho mundo
 A' larga se duplica
Para teu mor opprobrio.— Não : la surge
 N'esse mesmo terreno
Quem vingará a oppressa natureza,
 E a mão lhe dá que se erga.
La campea Franklin, Washington fulge,
 La Penn, o esméro, a honra,
O lustre, a admiração do nome d'homem.
 O brado,—ingente brado !—
Vem retumbar na encanecida Europa :
 C'os sons retreime a terra,
Cai a pedaços á ignorancia o throno,
 A' hypocrisia a máscara.

O Lirio ajudador, que foi a auxilio
Da nascente republica,
Volta reflorecido, e ja veveja
C'o prolifico *polen*
D'outra mais pura flor, d'outra mais candida,
Que é flor de liberdade.
Faxo, que accendes, inexperta Gallia,
Em tuas mãos se queima :
Esse clarão que dá, tambem é chamma
Que abraza o que allumia.
Mas em teus erros a acertar apprendem
Os povos que so querem
Alva tocha de luz, não tissão negro
De labareda e fumo
A patria de Viriato assim conquista
A avita liberdade.
Espadas...paraquê ? — Guerra...qual guerra,
Se paz queremos todos ?
Oh ! virgens plagas de Cabral famoso,
Se barbaros outrora
Vos levámos grilhões, levámos ferros,
(Que tambem arrastavamos)

Hoje convosco alegres repartimos,
Irmanmente vos damos
Parte igual d'esse dom que os ceos nos deram,
Que a tanto custo houvemos.
La vai, la surge em terra, avulta e cresce
A Lusa liberdade.
Folgae, folguemos : Portuguezes todos,
Em laço igual unidos,
Sobre o seio da patria reclinados,
Como irmãos viviremos.
Oh ! seja eterna tam feliz concordia :
Mas, se em má hora um dia
(Longe va negro agouro !) d'essa escura
Caverna onde o prendemos,
Resurgir ferreo o despotismo ao throno,
Então hasteae ousados
Os pendões da sincera independencia.
Sim ; da paterna casa
Salvae vós as reliquiás, os thesouros,
Antes que os roube o monstro.

XV.

CONSOLAÇÕES A UM NAMORADO.

.... Ne doleas plus nimio, memor
Immitis Glyceræ, neu miserabileis
Decantes elegos cur tibi junior
Læsa preniteat fide.

HORAT.

CONSOLA-te comigo, meu S***,

Consola-te comigo.

Tambem eu fui patau, tambem as Marcias,

As Annalias, Armias,

Me deram que fazer, me attarantaram

Nos meus tempos de amante.

Tambem d'uns olhos ja pendeu meu fado ;

Tambem ja n'um sorriso

Se estreitou de meus soffregos desejos

O círculo acanhado.

N'um desdem, n'um suspiro, ou morte ou vida

Me deram meus delirios.

Alvejou-me a esperança entre dous labios ;

Tambem entre dous labios

Me negrejou terrivel desespero

C'roado de ciumes.

Como tu me esqueci da que era um homem ;

Esqueci-me, e chorei.

Não me envergonho ; derramáram lagrymas

Meus olhos enturvados :

Mas foi meu pranto o pranto que deslisa

Quando arrasados n'elle

Os cegos lumes no porvir so colhem

Desventuras e morte.

Sim, fui ; mas ja não sou. Correu, desfez-se

Mago veo da illusão:

Olhei pasmado, e conheci de novo

Diff'rente a natureza.

Vi incantos d'amor e os philtros d'elle,

Vi seu imperio, e ri-me.

Vi de mil bellas adornar-se o mundo,
Qual vejo pelo prado
Matizar-se o verdor com lindas flores
Para enlêvo dos olhos.
Votei-lhes desde então, S*** amigo,
Quantos me deu sentidos
A mão do Creador, ás bellas tojas ;
Mas reservei prudente
Dentro do peito, coração e affectos
Para melhor emprêgo.
Ficou-me o coração, ficou ferido
Da porfiada luta ;
Mas pouco e pouco, o balsamo do tempo
Nas ulceras do peito
Foi acalmando a dor, foi-a ameigando,
E alfim cicatrizou-as.
Fomos, fomos iguaes nos desvarios ;
Igual nos seja a emenda.
Deixa tu Marcias como eu deixo Annalias,
Ri-te como eu me rio.
E, se inda assomos de prazer ventura,
De incantador delirio

Vierem surrateiros assaltar-te,
Lembrem-te os meus conselhos;
Faze-lhe cruces, deita-lhe agua benta;
São tentações do diabo.



XVI.

MADRUGADA

NO JARDIM BOTANICO DE COIMBRA.

Como é grato o passeio entre boninas
Aljofradas das lagrymas da Aurora !

FILINT.

N'ESTE sagrado a Flora, almo recinto,
Throno e delicias d'ella,
Aqui, onde o perfume saudavel
Respiro de mil flores,
Como sinto imbeber-se-me a existencia
Em cada trago d'estes
Que os sequiosos pulmões, téqui so fartos
De ar pestilente e mau,
D'este suave e puro avidos sorvem,
E com elle o remedio

Ao trabalhando, enfraquecido peito,
Ao mui pausado sangue !
Quanto é doce á fagueira, amena sombra
Dos variados arbustos,
Co'a fresquidão das plantas rociadas
Das lagrymas da Aurora,
Nos prazeres cevar da Soledade
O descansado espirito !
Como então pela mente se revolvem
Ja passadas ideias,
E vêem, umas tras outras, acudindo
A' lembrada memoria !
Como depois no espaço desmedido
Se espraíam do futuro !
A cada objecto..... Aqui ésta palmeira :
Da eternidade o symbolo
Lhe chamou a sabida antiguidade.
Vêde-a ; a cabeça airosa
Sôbr'ergue altiva ao circumstante povo
Das variegadas plantas.
Qual jazem nas soidões do Egypto ou Grecia
Desparzidas, confusas

Aqui, alli ruínas venerandas,
Ja sem nome, esquecidas ;
Passa o viajante e indifferente as olha :
Mas se entre ellas alçar-se
Corynthio marmor ve, columna doria,
Que em pé sem medo ao tempo
Parece desafiar a eternidade
E desdenhar dos seculos,
Então pára, respeita a mão dos homens,
Folga de ser um d'elles.
Tal entre o immenso vegetal cortejo
Que me rodeia agora,
Involuntaria a vista so contempla
A nobre, alta raínha
Do vecejante imperio. Alma se expande
Se engrandece como ella.
Sinto crescer-me, avigorar-se o espirito ;
E o coração no peito
Pulsa com mais vigor, bate mais forte.
Homem ! a natureza
Quam grande te creou ! quanto podéras
Se não fugisses d'ella !

Quanto es grande se á voz caroavel sua
Prestas ouvidos sempre !
—Aqui da Europa nos confins extremos
Olha a palmeira alçar-se :
Homem, podeste dar-lhe a vida, a patria
Em tam distante clima ?
Longe, longe talvez dos seus amores
A triste se amesquinha ;
Talvez surdos queixumes espalhando
Aos solitarios ventos
Lamente o fertil po n'elles perdido,
Que levaria a vida,
O germen da existencia a novas filhas.
Homem, sê mais piedoso,
Concede um companheiro aos seus amores.
Quam terno, quam sensivel
Foste, Linneu divino ! á bruta vida
Desenxabida e triste
Salvaste as lindas, amorosas filhas
Da amena Primavera,
A flor lhes deste que a existencia doura,
O favo dos prazeres.

Cora ao desabrochar, tinge-se a rosa
De virginal pudor
Ja presentindo os osculos lascivos
Do voluptuoso amante ;
Surri no caliz a assuccena, o lirio
Ao sentir o bafejo
Da aura lasciva que lhe traz nas azas
O pinhor suspirado
De seus ternos, castissimos amores.
Fugi, fugi, ruidosos,
Crus ministros de horrendas tempestades :
La na deserta Lybia,
Queimadores Suões, bramantes Euros,
La na torrada Arabia
Rolae sem medo os movediços pegos
De infructuosa areia :
Gyre em nossos vergeis suave e puro
Zephyro amigo e doce,
Que ao consorcio gentil das lindas flores
Ajude prazenteiro.
Não tenham que chorar a patria amada
As hóspedes fragantes

Que d'Asia os montes, de Colombo os plainos

Deixaram saudosas

Por vir embalsamar c'o activo aroma

Nossos jardins e orná-los,

E a dar-nos vida, restaurar saudes,

C'o pródigo específico.

Linneu ! e a patria, o mundo agradecido

De rôjo aos pés não viste ?

E aqui teu busto, o de Brotero e Serra

Não vejo collocados !

Ah gente indigna, ah povo desalmado !

Patria.....—Não, patria é d'elles

A Europa e o mundo que os conhece e admira.

Ide c'o sacro louro,

Que ao merito, á sciencia, que á virtude,

Com mão roubastes impia,

Coroar os simulacros odiosos

Ao despotismo, á inercia,

A' cruel ambição, á hypocrisia,

A' sordida ignorancia.

Ide ; queimae-lhe o incenso da vileza :

Ide....sois dignos d'elles.

XVII.

A' VERDADE.

Do seio do alto Deus, d'onde descendes,
Rara as terras visitas.

FILINT.

VERDADE! Oh! vem da escuridão que ha tanto
De emtôrno aos raios teus se embastecia,
Negro, enviusado veo rasgar do ingano
E da calúmnia perfida.

Vem : mostra emfim ao mundo a face austera ;
Trazo ao lado a Razão, traze a Justiça ;
São filhas tuas, foragidas ambas,
Comtigo desterradas.

Do faxo, ardente luminar que empunhas,
Desparze em raios o clarão a Elysia ;
Mostra-lhe a natureza, que vendada
Sem teu lume não viam.

Homens que o forem—folgarão contigo ;
E os que o não são.....que tremam, que se arrojem
Ao cahos da ignorancia e dos phantasmas

Onde o crime despenhas.

Raios que vibras fulminantes, rapidos,
Fofos em cinza os codices dispersem
Que a ignorancia lavrou, sagrou cubiça

E endeusou maldade.

Mas ah ! primeiro veja-os o universo :
Sopra-lhe o po dos amontoados seculos,
Leiam-lhe os povos n'essas notas barbaras

O aviltamento antigo :

Corem, pejem-se emfim de seu ludíbrio,
Ao jugo accurvador o pêso tomem,
E co'a vara de Lei, desaffogados

Meçam o seu e alheio.

Mas não ves essa turba murmurante
De homens que aos homens declararam guerra,
Não ves como orgulhosos se encastellam

Nos profanados templos ?

Não os ves com que horrendo sacrilegio
Tras o veo dobre do sanctuario atrevem

Monte execrando de maldade e horrores,

Perfidos, escondê-lo ?

Ah ! co'a mão descarnada á face horrivel

Rasga a máscara vil do embuste hypocrita ;

Deixa ler-lhes no gesto horrendo os crimes,

As traições, o perjurio.

Oh ! não consintas, não, que as sacro-sanctas,

Candidas vestes Religião lh'empreste,

Lh'empreste !ousem roubar-lh'as os perversos,

Salpicar-lh'as de infamias.

Sim, vem, ó numen, vem ; cede benigna

Aos sons carpidos da liberta Elysia.

Um povo inteiro, um povo amesquinhado

Por ti clama e suspira,

A ti clama, a ti brada, em ti so spera :

Tu so, filha do Eterno, em tanta nevoa

Que nos embarga os passos mal seguros,

Podes abrir caminho.

XVIII.

LONGA VIAGEM DE MAR.

Nequicquam deus abscididit
Prudens oceano dissociabili
Terras, si tamen impiæ
Non tangenda rates transiliunt vada.

HORAT.

EsSE doudo Jason, taful de esposas,
Como, certoiro no alcunhar, lhe chama
O nosso bom Filinto,
Que perversa mania
Se lhe encaixou no amago do casco ?
Como na phantasia tresloucada
O fado avesso e mau
Dos miseros humanos

Soube pintar-lhe as recurvadas quilhas,

A aguda proa, os mastos, as antenas,

As concavas cavernas

E os voadores linhos !

E tu, padre Neptuno, nem ao menos

Lhe soubeste c'o madido tridente

Pregar uma fígada ?

Tam a salvo o deixaste

Levar ao cabo a desvairada emprêsa,

Que a pouco e pouco de teu vasto imperio

Ousada os mais escuros

Foi pesquisar recantos ?

O teu velho Protheu nos seus cantares

Não te soube avisar que um dia um Vasco,

Um Colomb haveria,

Um Magalhães, um Cook ?

Que as magas cyphras combinando um Nunes,

Ao universo admirado mostraria

O pasmoso instrumento ?

Mui desleixado andaste,

E mui pouco zeloso de teu reino,

Neptuno, rei das encrespadas ondas.

Ah ! se mais justicoso
Houveras castigado
O quebrador primeiro de teus foros ;
Se as marulhosas vagas sacudindo,
E o vendaval ruidoso
Soprando das procellas,
Tiveras sua audacia sepultado
No insondavel abysmo d'essas aguas,
Não viera eu mesquinho,
Não vieramos tantos
Pagar por elle agora, e sem remedio
Soffrer balanços, amargar enjoos,
Sêdes curtir ardentes,
Rapar canninas fomes ;
Ver so entermeiar comsigo e a morte
Fragil taboinha, que o bater das ondas
Póde n'um so momento
Fazer em mil pedaços !
Ai de mim ! Trinta vezes no horrisonte
O pae das luzes despontou radioso,
E co'a tocha brilhante
A meus cançados olhos

Nada mais amostrou que o quadro immenso
De soledade infinda,—os ceos e os mares !

Ja trinta para os braços

Correu d'alva Amphitrite ;

E os frouxos raios, que na irman reflecte,
Nada allumiaram mais que os ceos e as aguas.

Vós, nitidas estrellas,

Em meu cortado peito

Que mais vistes senão saudade e mágoa ?

No coração ralado de amarguras

Que mais pudestes ler-me

Senão tristes lembranças

Dos amigos fieis, do tratto ameno,

Das horas doces que passei ditoso

No ameigador regaço

D'amor e da amizade !

Delicias, que eu gozei, tinha eu de ve-las

Tam algozmente lacerar-me o peito !

Memorias tam fagueiras

N'alma cravar-me a morte !

Oh ! se um dia, feliz, a amada terra

Religioso beijando, e descansado

Nos braços dos amigos
A salvo torno a ver-me,
E...—Mas que é isto ?—La me foge a penna...
La me voa o papel,—Baloíço ingrato
Té este me cerceia
Extremo desaffôgo.



XIX.

A LYDIA.

Ingratam Veneri pone superbiam,
Non te Penelopem difficilem prociis
Tyrrenus genuit pater.

HORAT.

BASTA de crueldades, Lydia bella,
Que das castas Penelopes a moda
Ha muito que se foi ;
Nem tanta ha ja de *procos* abundancia
Nos dias d'escacez em que vivemos :
Que esses que outrora em Ithaca
Aos pares, nas vacancias pretendiam
De opposição levar o beneficio
Do fallador Ulysses,

Não teem cá entre nós quem os imite ;
Que assim se abastardea o velho mundo,
E os usos bons se perdem !
Ja beneficios taes são todos simples,
E os leva *de barrete* a todo o instante
Qualquer padre de requiem.



XX.

O ANANAZ.

Tal vive o sabio, estrangeira planta.

FILIST.

COROADO rei dos filhos de Pômona,

Quam galhardo e formoso

Entonas essa frente de monarcha,

E a purpura dourada

Vestes na linda côr com que te envolve

A ricca natureza !

Oh ! como pôde as leis assim cortar-lhe

Arte engenhosa d'homens,

E, desvairados climas confundindo,

No acobertado encêrro

A patria dar-te, e fecundar-te os germes

No mui feliz exilio !

D'est'arte o sabio, que rodeiam gelos
De rispida ignorancia,
O halito foge dos ruins que o cercam ;
Cria-se nova patria
Na solidão, c'os livros, co'a virtude,
E no olvido dos nescios.
Tal nos pantanos d'Haya o bom Filinto
C'o seu Horacio e musas,
Aureos fructos da lyra sazouava
No solitario alvergue.



XXI.

O BEJO.

A LILIA.

Mélons ces baisers, ô ma vie !
De leur nombre je veux douter,
Et si souvent les répéter,
Que l'œil courroucé de l'envie
Désespère de les compter.

MOLEVAUT :—CATULL.

QUANDO, entre o alegre, festival cortejo

Das ondas namoradas,

Sahiu a aventurar os ceos e o mundo

A meiga Venns linda,

As lisas Graças candidas, despidas

Logo emtôrno a cercaram.

Singelo, e puro ainda, Amor fagueiro,

Formoso innocentinho

Que n'um suspiro lhe nasceu do peito,
Entre os maternos braços
Com as tenras mãosinhas affagando
Lhe vinha a face bella.
Surria para o filho docemente
A languida Cyprina ;
E os derretidos olhos voluptuosos
No filho se reviam.
Nos labios d'ambos sussurrava a medo
O enxame dos prazeres,
E doce por entre elles lhe emanava
Todo o mel das delicias.
Por divinal instincto se approssima
A face á face do outro ;
Brandamente seus labios se tocaram ;
E do prazer celeste
Que no mago contacto saboreiam,
Eis que subito nascas,
Filho ardente d'Amor, de Venus filho,
Suavissimo Bejo.
Logo das tres irmans a mais formosa,
A prazenteira Aglae

No lindo seio te escondeu de neve ;
E na mansão fagueira
D'amorosos desejos rodeado
Viveste espaço longo.
Te que, do furto sabedora a deusa,
Te implumou niveas azas,
Com que voaste para a mãe lasciva,
E andas de seio em seio,
Entre as bellas que Amor fere co'as settas
Furtivo demorando ;
Té que atrevidos, inflammados labios
Cubiçosos te roubem ;
Ou sejas premio de ferventes súplicas
De respeitoso amante.
(Premio tardio e raro e mal seguro,
Quanto es ditoso roubo !)
E quantas vezes no virgineo seio,
Que alveja d'innocencia,
De entrar não ousas, que a modestia o guarda,
Que t'o veda o recato ?
Corrido foges um momento, e triste ;
Porêm subito voltas,

E vens pousar-lhe languido nos labios

Meio infantis e abertos.

Não tarda que o desejo lhe scintille

Nos olhos decuidados ;

E então virá não tímido mancebo

Os arcanos franquear-lhe.

Oh Lilia, oh Lilia, dize, no momento

Que aos teus formosos labios

Voou dos meus o filho de Cyprina,

Acaso não sentiste

Abrir-se um ceo d'amor para nos ambos ?

Não te bateu no peito

Anciado o coração de gôso arfando ?

Tenro menino elle era,

Tímido ainda, envergonhado infante :

Quanto depois, ó Lilia,

Cresceu de ousado, e se atreveu a quanto !

Quaes penetrou sacraríos !

De virgineo pudor que veos teimosos

Não ergueu confiado !

Os prazeres o sabem, e a ventura

Que nos teve no collo ;

Elles que o digam (dê-mos-lhe licença)
Que o ensinem áquelles
Que tanto como nós inda se amarem,
Se é que os houver no mundo.



XXII.

A SEPULTURA DO BEMFEITOR.

A' MEMORIA DE D. FR. ALEXANDRE DA
SAGRADA FAMILIA, BISPO DE ANGRA.

O' et presidum, et....decus meum.

.....

Cui pudor, et justitia soror

Incorrupta fides, nuda que veritas.

HORAT.

Lousa da morte!—As lagrymas não podem

Amolgar-te a dureza.

Nem mais sobeja do que tristes lagrymas ;

Que o mais, tu o roubaste.

A enferrujada chave do sepulcro,

Mal deu a fatal volta,

Some-se, e affunda ao pégo das idades ;

Nem ha tornar a ve-la.

A mui pesada mão da eternidade
Carrega o sello eterno
Nos angulos da campa; e sôbre a lagem
Mui breve se condensam
Geladas aguas do lodoso olvido.
Acaso alguns momentos
Morredoura saudade emtórno adeja,
Que mal de escasso pranto
Amor ou gratidão lhe rociaram
As curtas, debeis pennas :
Até que, pouco e pouco, ao longe a affasta
A viração do tempo ;
Ou de ingrato assettear de cru desprêzo
Acinte mal-ferida
Cai d'aza morta ás ribas descuidadas
Do paludoso Lethes.
Ah ! que os olhos ainda se me arrasam,
Ainda agradecidas
Em fio e fio as lagrymas deslisam !
O' varão estremado,
Não, não morreste ainda no meu peito :
Tu em minha alma tenra

As sementes primeiras desparziste
Das lettras, da virtude,
Que á sombra augusta de teu nobre exemplo
Tenras desabrochando,
Crescêram quanto são : infante ainda,
O meu singelo peito
Me avigoraste da constancia tua,
Da nobre fortaleza
Com que, dignos de Roma, a Lysia deste
D'alto valor prodigios.
Oh ! que o meu coração sôbre essa lagem
De angústia se espedaça !
Eu não te verei mais, rugosa face
Do venerando velho
Que da existencia na vereda ingreme
As primeiras pisadas
Me endireitou no trilho da justiça !
Orphão de tal amigo
Terei d'ir so ávante, onde é mais ardua,
Mais difficil a estrada !
Sagrados manes, allumiae-me a vida
C'um faxo la do Elysio :

Sêde-me guia na escabrosa senda
Que temeroso enceto,
Porque vossas pégadas retilhando
Seja, qual foste', um homem.



XXIII.

O AMOR MATERNAL.

Of nature's gifts thou may'st with lilies boast,
And with the half blown rose,

SHAKSPEARE.

QUE doce que é ser mãe!—Que meigo quadro
E ver a esposa ao lado do consorte
N'os braços lindos embalando o filho,
Seu unico desvelo,
Que largou de cansado o niveo seio
E foi suavemente adormecendo
No amplexo maternal.—Inda invejoso
Não encubriu de todo
O casto veio segredos pudibundos
So do esposo sabidos : enlevada
Nas doçuras de mãe, toda prazeres,
So para o filho attenta.

Vêde-a sorrindo ao tenro innocentinho,
Como se espelha nas mimosas faces,
E colhe nas feições, uma por uma,

O transumpto do esposo.

Com que graça lh'o diz ! como suspira
Magoada e e triste se o consorte amado
Toda, toda não ve a similhaça

Que a ponto ella distingue !

Oh ! se pallida ousou tocá-lo a febre,
Aqui são os desvelos, os extremos,
As não dormidas noites, os cansados,

Affadigados dias.

Ei-la que se definha juncto ao berço,
Que as lagrymas rettem, que os ais suffoca
Se condoído Morpheu nos tenros olhos

Pousou do filho caro.

Que promessas, que votos tam do peito
Se um deus compadecido...E os deuses ouvem
Mais que rôgo nenhum maternas preces.

Ja visos de melhora

No semblante infantil vão despotando.
Oh que alegrias !—recortadas inda

De enternecidos sustos, que os prazeres

Aguados e murhecem.

É salvo emfim : já cresce e ao lado folga

Da carinhosa mãe ; já co'as mãosinhas

Lhe trava da orla ao candido vestido,

Ou travêssos lh'o rasga.

Os annos correm, graças vão medrando

No corpinho gentil, n'alma imbebida

Em suaves licções de san virtude

C'o exemplo avigorada.

Tal esmêro de Flora e mimo d'ella,

Cresce alvo lirio em valle deleitoso ;

Brando zephyro o ameiga, a aurora o rega,

E as bellas o cubiçam.

XXIV.

O AMOR PATERNAL.

A love that makes the breath poor and speech
unable.

SHAKSPEARE.

NATUREZA, que deste ao sexo bello
As feiticeiras graças,
O mimo attrahidor, e as mui fagueiras,
Carinhosas meiguices,
Que lhe orvalhaste os labios com sorrisos
De mellica doçura
Que entram no coração, que espargem n'alma
Delicias e prazeres ;
Que nos olhos da mãe puseste o affago,
E no materno peito
Acrysolaste esmeros e desvellos,
As ancias que suspiram

D'estremecido amor e de ternura

Timida e receosa,

Toda meigas caricias, toda extremos

De apaixonado affecto ;

Tu mais viril porção doaste ao homem

De constante firmeza,

E em menos terno coração puseste

A solidez, e affinco

No levar certo o rumo compassado

Dos negocios da vida.

Tu nos olhos do pae, tu em seus labios

Providente junctaste

Os severos dictames da virtude

E da verdade rigida,

C'os amorosos ralhos, c'os amigos

E prudentes conselhos.

Tu lhe adornaste a face veneranda

Da magestade augusta

Que ao filho respeitoso antolha a imagem

Dos soberanos deuses.

Olha como na voz lhe troam asperas

Reprehensões austeras,

Emquanto os seios d'alma se lhe rasgam,

O coração lhe chora.

Amor que não deixou cingir-se a venda,

Terno mas justicioso ;

Que o faxo accende á tocha da virtude,

Faxo que não deslumbra,

Faísca d'esse amor que apró dos homens

Arde d'um Deus no seio.



XXV..

ANNIVERSARIO DA RESTAURAÇÃO DO
REINO.

ESCRIPTA NO MAR.

Jare sollemnis mihi, sanctiorque
Natali proprio.

HORAT..

Como vens, linda aurora,
Formosa desdobrando
Por esse azul dos ceos o roseo manto !
Co'as lagrymas de gôsto que desparzes
Abres cortejo ao dia
Que inda viram maior os Lusitanos.

Ah ! dize, ó bella esposa
Do remoçado velho :
Na patria minha, na ditosa Elysia
Quaes fitos viste em ti olhos, semblantes,
Que jubilosos vivas
D'esse berço d'heroes aos ceos erguer-se.

Dá-me esse unico allívio
A mim, que malfadado
Nem me outorgaram invejosos numes
Ver-te assomar nos patrios horisontes,
E d'esse povo illustre
O meu tenue clamor juntar aos brados.

O' paginas da historia,
Depar-empar abri-vos,
Que a mão la vai gravar da eternidade
Em characteres rutilos de fogo
O dia augusto e grande
Que a Lysia trouxe liberdade e glória.

O patrio Douro altivo
Espedaçando os ferros
Nega o tributo ao madido oceano :
So guerra quer levar ; guerra, que Lysia,
Do tridente senhora,
De novo o sceptro recobrou dos mares.

“ Ondas tremei (lhes brada)
“ Trema o tyranno vosso ;
“ Que as Quinas outra vez se erguem, se hasteiam.
“ E vão das vagas legislar ao muudo,
“ E do orbe ás partes quatro.
“ O jugo antigo renovar co'a espada.”

O duro som terrivel
Toa de polo a polo ;
Os eixos do universo estremeceram ;
E sôbre a face da convulsa terra
Pallido o susto frio.
Horrendo estende as azas côr da morte.

Socegae, nações do orbe,
Recobrae-vos do medo,
Que Lysia os ferros seus, que espedaçára,
Não leva em dom cruel aos outros povos.
Da ambiciosa Roma
Com toda a glória não herdou taes crimes.

Romanos, oh ! não foram
Os Cesares e Augustos :
Romano foi Catão, romano Scevola ;
E quaes esses então são hoje os Lusos :
Nem cabem n'um so peito
Avareza e ambição co'a liberdade.

Oh patria, oh patria minha,
Que dia de ventura !
Que sincero, que puro regosijo
Em praças, em theatros não rebenta,
Em sinceros prazeres,
Festas condignas d'um liberto povo !

E eu misero e mesquinho,
De mágoas retalhado
So vejo a vasta solidão dos mares,
So a mudez dos ceos no azul monotono,
E um sol que as luzes balda
N'essa immensa soidão que me circumda.

Lembranças, que me affogam
De augústia e de martyrio,
Vêem recordar-me a patria, amigos, tudo,
E deixar-me depois (se é que me deixam)
Em vão pelo horisonte
Rastrear d'olhos longos a esperança.

Assim o vago Ulysses
Longe da cara esposa,
Do filhinho, do pae, todo saudades,
So pede aos deuses crus por graça extrema
Ver dos paternos lares
Erguer-se o fumo, e morrer de gôsto.



XXVI.

A ROSA.

A JULIA.

Ρόδόν ω Φεριστον αὐ' Ἰδος

Ροδον εαρος μελημα.

ΑΝΑΚΡ.

VENUS ! ás lindas flores que raínha
Tam bella lhes não deste !
Nasceu-te no alvo seio, inda mais alva,
A Rosa namorada ;
E a reinar pelos prados a mandaste
Da primavera ás filhas.
Tam pura como a virgem das florestas,
A neve da innocencia

No botão meio aberto branquejava ;
E a candidez singela,
Timida ainda lhe embuçava as folhas.
Pelo matiz dos campos
Zephyro de lascivo sussurrava,
E ao ve-la tam formosa
Avido corre, vai furtar-lhe um bejo :
A innocente raínha
De pejo cora, e a côr envergonhada
Na alvura se lhe imbebe.
Triste, ao ver-se no proximo regato,
Da perda se lamenta.
Acaso passa Amor, que á mãe fugido
Vagava nas campinas.
Dos sentidos lamentos condoído ;
“ Não pranteies (lhe disse)
“ Não chores, linda flor ; males que eu faço
“ Sempre em delicia os pago.”
Docemente a bafeja ; e doce aroma
Eis subito recende
Do seio á maga filha de Erycina.
Desde aquelle momento

A innocencia, o prazer e a formosura
De rosas se coroaram.
Premio da singelez que orna belleza,
Desde então consagrada
Ao sexo amavel que nos doura os dias
Foi e hade ser a Rosa.
Es, minha Julia, mais gentil do que ella,
Mais singela, mais pura ;
Para ti ésta flor nasceu no prado,
Ei-la, recebe-a, é tua.
Ternura, candidez, belleza e mimo
Para ti a colheram.
Amor lhe despegou co'a mão divina
Os espinhos traidores ;
Ia a dar-t'a...olha...e ve...rapido foge,
Que a mãe te viu nos olhos.
Oh que dor tam gentil, oh que ais tam meigos,
Que pena tam fagueira !
D'em tôrno aos labios que o lamento entr'abre,
Os risos feiticeiros
Revoando lhe estão, e as Graças nuas
No seio que palpita

Lhe andam, por consolá-la, desparzindo

Os jasmins côr de leite.

Desejos mil e mil co'as vestes lindas

Da simplice pastora

(Com as vestes, que a mais se não atrevem)

Lhe folgam como a medo.

Ve que suave, melica harmonia

Soa na meiga boca!

Que prazer voluptuoso lhe humedece

Os olhos derretidos!

Que sons do coração lhe véem tam brandos

A conquistar os nossos!

Que acções, que gestos, que expressão do peito

No rosto se lhe pintam!

Amor, não te enganaste; é ella, é Venus.

Mas não receies, volta;

Ou, se temes voltar, dá-me essa rosa,

Deixa-me venturoso

Entre a neve do seio ir esconder-lhe

A flor tam cubiçada.

XXVII.

SAPHO

NO SALTO DE LEUCATHES.

A LILIA.

En chantant tu baisses les yeux
Qu'ont couverts des voiles funebres.

DUCIS.

AMAR que doce que é! Oh! quam ditoso
Quem sabe e pôde amar! Prazeres meigos,
Graças louçans e risos brincadores
De emtôrno lhe esvoaçam,
A existencia lhe douram:

Toda lhe ri de gôsto a natureza,
Esmalta-se-lhe o prado de boninas,
Copa-se o bosque de verdura e flores,
Crystaes lhe jorra a fonte,
Perlas lhe verte a aurora:

De noute o ceo de estrellas se lhe tolda,
Que aureos topazios lucidas lhe brilham,
De dia em chamma de clarão formoso
O sol lhe vibra em raios
Doce calor de vida.

Qual lago que innocente pequenino,
Alvas pedrinhas atirando, fere,
Em que uns dos outros circulos innumerous
Dobram, se augmentam, crescem,
E em gradação se allongam :

Tal em prazeres se lhe espraia a vida
Ao amante feliz ; tal o universo
Mar immenso de gôsto se lhe estende,
E de um prazer lhe nascem
Infindos os prazeres.

Ameno quadro, delicioso, ó Lilia !
Folga de ver-te n'elle, olha, revê-te :
Mas ah ! jamais o voltes. Negro, escuro,
Mais feio do que a morte
E' o reverso d'elle.

Dores armadas de aguçadas pontas,
Remorsos negros como a luz do inferno,
E a Angústia roxa que no collo apperta

O laço corredio

Com que accinte se affoga.

Da côr do ferreo-azul das chammas do Ethna
La está sôbre elles de eriçada coma,
De verdenebras serpes ennastrada,

Rasgando-se as entranhas

Co'as farpeadas unhas,

O monstro horrendo...Qual?—Treme; o Ciume!
Ves-lhe o peito?—olha: um cancro ascoso roe-lh'o,
Chega-lhe ao coração, heiva-lhe o sangue,

Empeçonha-lhe a vida,

Nega-lhe o bem da morte.

Eis o aveço do quadro. E amor é este?

Esse filho dos languidos prazeres,

Esse amor, todo mimos da ventura!

Por que milagre horrivel,

Por que potencia infausta?....

Queres sabê-lo ? A perfida Inconstancia,
Ei-la, essa furia o transmudou do que era,
Lhe ensopou de veneno a flor dos gostos,
E em fructo amargo e podre
Lhe converteu o germen.

Não temas, Lilia ; para nós os fados
O reverso do quadro não pintaram.
Mal-venturosos pelo mundo os houve
Que nelle se espelharam.
E quantos ! Desgraçados !

Não ha belleza que lhe esquive os golpes,
Prendas não ha que a sanha lhe embrandeçam,
Feitiços que lhe impeçam, ouro a rôdo
Que uma hora de tormentos,
Nem a pêso, lhe compre.

Sapho.....Tu bem conheces este nome ;
As graças e os amores o repettem,
Sabem-n'o as musas, Venus em seu templo
Co'a linda mão divina
O gravou por memoria.

Sapho, a meiga cantora dos prazeres,
Sapho, a estremosa, a delicada amante,
Victima d'ella foi ; nas aras negras
Da Inconstancia traidora
Sapho expirou d'angústia.

Ninguém mais que ella amou, ninguém como ella
Soube amar sôbre a terra. Amor tam fino,
Se o ha no mundo, so tu, Lilia, o gosas,
So tu do teu amante
O hasde encontrar no peito.

Phaon, mais bello do que amor nascente,
Como as graças gentis gentil e airoso,
Tal foi o objecto dos amores d'ella.
Mais felizes gran' tempo
Do que os dous não os houve.

Mas no peito a Phaon entrou de manso
E lavrou surda a chamma da Inconstancia,
Lampejou-lhe o clarão...Que horror! A triste,
A malfadada o sente,
Estremeceu, e pasma.

Dor a que os sons da Lyra se recusam,
Mágoa que as vozes exprimir não sabem,
Angústia que a mortaes dizer não cabe,
Mais negra que o sepulcro,
Mais horrivel que a morte.....

Como é que eu heide descrever-t'a, ó Lilia ?
Fallem-te os ais da misera expirante,
Digam-t'o os echos de sua voz maviosa ;
Nas rochas de Leucathes
Amor inda os repette ;

Inda Phaon as gruttas vão soando.
Ja sôbre a rocha, vendo o mar bater-lhe
Na base corcomida, ja medindo
Co's olhos enturvados
A desmedida altura,

Inda ousa modular canções de morte,
Inda co'as frias mãos apalpa as cordas
D'essa lyra que amor coroou de rosas,
Rosas que emmurcheceram,
Que em folhas sêccas cahem.

Qual cysne ao fenecer gorgeia os hymnos
Que eterna vida aos deuses mereceram
Se ao canto os deuses não fadassem morte ;

Tal morribunda em transes

Sapho cantou assim :

“ Deixae um pouco o throno dos prazeres,
Ternas irmãs d'amor, Graças ingenuas !
De Phaon inconstante assiduas socias,

Meus ultimos suspiros,

Ao ingrato, levae-lhos.

“ Celestes musas, Sapho desgraçada
De vossos cantos a doçura iguale !
E tu, lyra infeliz, triste instrumento,

Echo de meus gemidos,

Appura os sons tocantes.

“ Quando o ceo tempestuoso ameaça os prados,
E os despregados ventos se enfurecem,
Choupo erguido no cume das montanhas

Menos se agita ainda

Que o meu anciado peito.

“ Formosos dias, de minha alma incanto,
Em que sujeito ás minhas leis o via,
Dias, em que eu gosei de o ver ao menos,
Dias de glória e júbilo,
Cruéis ! onde fugistes ?

“ E eu que a amava, a rival abhorrecida !
Ingrata ! o coração fingia abrir-me,
E em tanto ao meu com sua mão traidora
As feridas rasgava
Que hade fechar so morte !

“ Embora : sê feliz co'a tua amada
(Póde haver coração que teu não seja !)
No delirio de amor, na paz do gôso
Venturas que eu não próvo,
Saboreia-as embora.

“ O meu fado infeliz foi so de amar-te,
Foram destinos teus ser sempre amavel.
Ja desde quando em tua maga infancia
A praias incantadas
O teu baixel guiavas,

“ Nos trajos de mortal Cyprina bella
Para as aguas vadear te implora auxílio ;
Tu a passaste : e as ondas satisfeitas,
Com ella conduziam
Risos, graças e amores.

“ Voaram aos teus olhos os amores,
Nos labios teus os risos se esconderam,
E a ti d'emtórno as Graças namoradas
Travaram lindas danças
Em que amor te exprimissem.

“ Venus te disse : “ *Venturoso infante,*
Serás d'entre os mortaes o mais amavel
E dos altares meus seguro esteio :
Meus philtros poderosos
Eu t'os confio todos ”

“ Suspirava de inveja Amor ao lado :
Eis que eu passava ; despicar-se intenta,
E n'um tiro de setta assim me fada :
Sapho sera mais terna
Do que Phaon amavel.

“ Mas tu na minha dor, cruel ! me foges !

Irei, por te abrandar, correr os mares,

Subir aos montes, vaguear desertos,

Voar desatinada

Aos limites do mundo ?

“ Falla : nada receia um desditoso.

Irei de gôsto arremegar-me aos p'rigos.

Feliz de obbedecer-te e de seguir-te,

Irei roubar-te o cinto

Das Graças, com que prendes.

“ Por doces bejos nossos labios junctos....

Unido ao teu, meu coração batendo....

Ja de prazer anceio.....ja nas veias

Seu ardor devorante

Me corre atropelado....

“ Oh desgraçada ! acorda desse ingano.

Tudo perdeste....Fique-te o repouso :

Aqui o tens; as rochas de Leucathes

(Ellas....e nada mais !)

Terminarão teus males.”

Disse : e a lyra cabiu-lhe sôbre a roca ;
Deu rouco som de morte, as cordas todas
Estallaram, e foi de chofre ás aguas

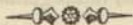
Do mar que remugia.

Viu-a cahir a triste,

Ainda a viu, a sua maga lyra
Pelo ar na quéda.....Subito, apoz ella
Venus (clamou) *que outr'ora m'a doaste,*

Filha do mar, rccebe-a !

Disse, e arrojou-se ás ondas.



XXVIII.

O ROUXINOL.

O nome que no peito escripto tinha.

CAMÕES.

PARABENS, minha tristeza,

Foi-se a luz abhorrecida ;

N'êsta sombra appetecida

Posso ao menos respirar.

Aqui meus ais, meus gemidos,

Aqui prantos amargosos

Não vêem olhos curiosos

Nos meus olhos espreitar.

Sentado sôbre ésta penha
Entre espessos arvoredos,
So hade ouvir meus segredos
O canoro rouxinol.

Vem, mago cantor da noute,
Vem fazer-me companhia ;
Não receies, foi-se o dia,
Não temas, é longe o sol.

Ei-lo vem, ei-lo se appressa
O sensível passarinho ;
La poisou no seu raminho,
La principia a cantar.

Silencio, florestas, bosques !
Silencio tambem, meu pranto !
Co'a doçura d'este canto
Minha dor quero ameigar.

Que doce melancholia

N'aquelle som tam carpido !

Quanto é suave o gemido

Em que exhala a sua dor !

Como é seu canto expressivo !

Oh ! se a ingrata aqui o ouvisse !—

Parece que “*Lilia*” disse,

Parece que disse “*amor*.”

Quem te ensinou esses nomes,

Singela, incauta avesinha ?

Não os digas, pobresinha,

Se o teu socêgo te appraz.

São doces ?—Assim dizia

A minha cega ternura ;

Mas custou-me essa doçura,

Que perdi a minha paz.

Como tu nos teus gorgeios
Eu cantava a minha amada ;
Mas a lyra desmontada
Nem tristes ais sabe dar.

Nos olhos seccou-se o pranto,
Emmudeceu meu gemido,
De cansado, de abatido,
Nem me atrevo a suspirar.

Adeus, fiel companheiro,
Sê feliz nos teus amores ;
A provar meus dissabores,
Oh ! jamais te dem os ceos !

Foste alívio ás minhas penas,
Escutaste o meu lamento.....
Mas—ja me causas tormento.....
Fiel companheiro—adeus !

XXIX.

A GUERRA CIVIL.

Audiet cives acuisse ferrum.

HORAT.

I.

Voz de morte soou,—e o echo funebre
Do Manzanares retiniu no Tejo.
Brado que ouvimos, que nos fere n'alma,
Que vens trazer-nos?—*Liberdade eu trago.*
Oh! que essa é voz de glória. E' glória, é vida:
Nem outra vida a coração que é d'homem
A natureza deu; nem outra morte
Mais que o viver nos ferros.—N'esses vive,
Não, so vejeta miserando escravo.

E do escravo a existencia é vida d'homem ?
Oh não ! é sangue torpe e frouxo e fraco,
Que nem lhe leva ao coração heivado,
Nem vem trazer-lhe ao corpo mal fornido
Princípio nobre de vital alento.

II.

.....
.....
Como ousa pois, como se atreve a morte
A hastear a foice nos torreões da Iberia ?

III.

Co'as azas côr dos tabidos sepulcros
Tapára o lume ao sol noite de ingano.
Por entre as sombras do enublado escuro
A Traição vaga de bifronte aspecto ;
Na dextra, que lhe treme de covarde,
Traz o punhal de Sylva ; pende á esquerda
De Catilina audaz a adaga trega ;

Frente que em rugas lhe encrespára a astucia,
Cinge-lh'a emtórno, salpicado em sangue,
Dourado ao ver-se, e ferreo na estrutura
O diadema de Nero.—O grito ardido,
O brado de honra que á peleja avoca,
Não o dá essa infame : a medo, a furto
Vai com tremulo accento despertando
Almas como ella timidas, covardes,
Tam faceis no esgrimir punhaes no escuro,
Como em fugir da espada que lampeja
No campo aberto da franqueza honrada.
La vão que a seguem avidos, se apinham
D'emtórno á Cruz por elles profanada
A tribu de Levi, sequiosa d'ouro,
A tribu que abjurou riqueza e honras,
Por mais pompas, mais honras, mais riquezas
Ir furtiva usurpando ao povo illuso.

IV.

Onde, ó' monstros, aonde, ó gente indigna ?
Que bandeiras são essas de mentira
Que arvorais entre irmãos ?—A estola candida
Da Religião quereis tingi-la em sangue,
Sangue civil, fraterno !

——Eis d'outro lado
Crescem, redobram c'o frequente povo
Os que defendem a árvore sagrada
Que inda infante crescia, e que esses monstros
Queriam dar-lhe ao vento a raiz tenra.
Ei-los emtôrno os peitos generosos
Ao bronze off'recem que lhes traz a morte ;
Ei-los o braço ao braço, a espada á espada
Do amigo que o foi ja, do pae que o nega,
E do irmão que o não é, oppoem bramindo.
So patria é tudo em corações so livres ;
Laços da natureza estão quebrados.
E quem os quebra ?—Vós, escravos tredos.
Vós co'a mão gottejando sangue amigo,

Vós lhe desdais os nós, e c'o impio ferro
D'um golpe lhe cortais prisões sagradas.

V.

Juncada a terra de golpeados membros
Soffrega bebe o denegrido sangue
D'esses que homens ja foram, monstros hoje;
E o sangue impuro que espadana a jôrro
La vai regar essa árvore sagrada,
Essa árvore de rama e flor e fructo
Escassa e pobre se a não rega o sangue
Do que á nascença lhe pragueja a planta,
Do que so lhe agoirou, so lhe deseja
Granizo queimador, tufão de morte.

VI.

De glória e louros coroada exulta
A Liberdade Ah ! bem vejo, os louros
C'o verde-negro do cypreste entrançam.
O grito da victoria entre ais se perde

Que a dor arranca dos sentidos peitos.
Chorâmos sôbre irmãos ; foi caro o preço,
E é bem duro morrer por mãos de escravos.
Mas pela patria, mas no campo d'honra,
Martyres d'ella !...oh glória e glória excelsa !
Esses luttos, rasgae-m'os ; essas c'roas
De cypreste feral longe da campa ;
Por endeixas de morte, hymnos de vida ;
Por tristes nenias, canticos festivos.
Esse atahude que lhes leva as cinzas,
E' cofre d'ouro que heroismo encerra,
E' thesouro de glória e liberdade,
E' monumento de nobreza eterna,
E' memoria ao porvir, é brado ingente
Que irá no longo curso das idades
De geração em geração bradando :
“ *Tremei no solio, ó despotas da terra !*”

XXX.

A MELANCHOLIA DA SOLIDÃO.

A LILIA.

— They sat reclined
On the soft downy bank, damasked with flowers.
MILTON.

QUE ameno sítio, ó Lilia!—estende os olhos
Por toda essa planície deliciosa :
De sôbre este penhasco
Rodeado de verdores
Esparze animação por esses prados
Dos olhos creadores :
Co' esses raios d'amor e de ternura
Dá vida a essas flores.
Sussurre de prazer toda a espessura
O influxo teu sentindo,

E ao ver teu gesto lindo,
Tua divina, magica belleza
Surria de prazer a natureza.

Ve como é bella a solidão dos campos ;

Como entra pelo peito
Não sei que gôsto cheio de doçura
Quando no seio ás plantas,
Despido de amargura,

Placido o coração vai-se alargando,

E o ânimo satisfeito,
Dentro d'elle sereno dilatando.

Como insensivelmente descahindo

Se vai n'aquelle estado
De languidez suave e melancholica,
Em que já não sentindo
O trabalho pesado

Da existencia penosa, docemente
Pelas veias a vida circulando,

Vai tam serenamente
No silencio do nada repoisando ;

E toda so no instante,
Toda so no momento que decorre,
N'alma o passado c'os futuros morre.

Ah! bebam outros na dourada taça

De mentidos prazeres
O envenenado gôso que, mal passa

Dos labios, todo é fezes
Que a insaciavel sêde não apagam

Do coração queimado.

Nós puro e socegado

Este prazer gozemos da innocencia.

Vivamos para nós :—deixar o mundo

Volver-se na inquieta turbulencia

Do pelago sem fundo

De seus desejos vãos, sua loucura.

Na serena doçura

Da maga solidão, n'êsta belleza

Vivamos para nós—co'a natureza.

XXXI.

O CARCERE.

Brightest in dungeons, Liberty, thou art,
For, there thy tabernacle is the heart.

BYRON.

FECHOU-SE a ferrea porta: o som tremendo,
Que os remorsos desperta ao delinquente,
Detraz de mim deu echo temeroso

Pela funebre estancia.

Eis-me aqui pois do crime na morada,
Eis-me entre bandos vis de malfeitores,
Que me olham c'um sorriso satisfeito,

E parecem dizer-me:

“*Bem vindo, companheiro!*”—Eu socio d’elles!

Eu criminoso, eu preso, envilecido

Co’ estes grilhões de infamia!--Oh! que asquerosos,

Que medonhos aspectos!

Que esqualidas figuras, que olhar torvo !
Não, tal horror nunca sentiu minha alma
Desde que a triste luz viu do universo.

A vergonha que ha tanto
Sentia de *ser homem*, redobrada
Me cresce c'o espectaculo abhorrido
D'esses que ahi vejo.—Homens vós sois, espectros

De feia catadura ?

Sim, homens são. E eu ?—outro como elles ;
Atomo que volteio sôbre a terra
Ao sabor das paixões—minhas e alheias,

E á toa vogo os máres
Na viagem da vida.—Mas distingo
O ferrete do crime n'essas fronte
Que franze a angústia c'o pungir de dentro

Do espinho do remorso :
E eu no meu peito nem bater mais vívido
Presinto o coração.....Oh ! criminoso
Não sou eu. Insolente me confunda

A proscricção injusta
N'esta mansão do crime e da vergonha
C'os malfeteiros vis : dentro do peito

A consciencia me diz que sou virtuoso,
Que fiel ao Rei e á patria,
São inimigos seus quem me persegue,
Que perseguindo me honram, me engrandecem
Tecendo-me a coroa do martyrio
Nas immer'cidas penas.



XXXII.

O EXÍLIO.

Ha ! banishment ? be merciful, say—death :
For exile has more terror in his look,
Much more than death.

SHAKESPEARE.

VEM, minha Lilia, vem, querida amiga,
Sentar-te juncto a mim.—Ves essas nevoas
Como escondem o azul e os ceos que engrossam
Co'a cerração pesada e melancholica
D'este paiz de exílio, d'êsta patria,
Dos taciturnos, gelidos Britannos ?

Oh ! como é triste a terra do destêrro !
Tam so como as areias do deserto,
Triste como o cahir das folhas pallidas
No desbotado outomno.—Solitario

No meio das cidades, das campinas
Vai apoz da esperança mal segura
O que deixou amigos, paes e patria
Por fugir o asp'ro açoite da injustiça.
Oh ! se uma voz ao menos lhe fallára,
Lhe coasse no ouvido os sons tam gratos
Do patrio idioma que ninguém lhe entende !...
Não ; que tudo lhe é surdo ; e so responde
O coração que bate, aos ais do triste.

Infeliz !—Ai de mim ! Eu ja d'essa arte
Vi horas longas deslizar-se o Thamesis
Por entre esses palacios, essas tórres,
Coroadas dos despojos do universo,
Salpicadas do sangue de reis improbos,
Ou malfadados
Tórres, palacios que memorias guardam
D'artes, d'heroicos feitos, de virtudes,
E de crimes tambem.—Oh ! quantas vezes
Solitario vaguei por esses porticos,
Por entre essas columnas apinhadas
De rebuliço e povo.—E em meio d'elle

Eu solitario e so!—Porquê? Porque alma,
Porque o meu coração voava ao longe.
Entre essa multidão nem um amigo!
E se um fôra; onde a amante, onde os abraços,
Onde os carinhos que pezares matam,
Que amolgam penas e accalentam dores?
Suave Lilia, agora o teu amigo
Ja não vive no exílio. A minha patria....
Oh! não ha para mim tam doce nome....
Que digo! A minha patria é nos teus braços.
Deixa-os, esses tyrannos que se apprazem
Co'as lagrymas da oppressa humanidade,
Proscrever-me da terra; que me arrojem
Para os gelos da inhospita Syberia:
La onde toda é morta a natureza,
Onde o tam puro sol da nossa Elysia
A' polar cerração nega os seus raios:
Ahi d'um teu sorriso allumiado,
Entre essas solidões darei co'a patria,
Acharei os amigos, paes e tudo,
Que tudo me daras nos teus affagos.

XXXIII.

A LYRA DO PROSCRIPTO.

A SRA. CATALANI.

Ciere viros, martemque accendere cantu.

VIRGIL.

Eu do meu patrio Tejo desditoso
Deixei na praias desmontada a lyra.
Suas aguas, ja tam puras, hoje involtas
De lagrymas e sangue,
A's ondas as trouxeram do Oceano :
La naufragou. E as nymphas compassivas,
Que á foz do Tejo com vergonha e mágoa
Contemplam d'Ulyssea
A lamentavel, última ruína,
Inda lh'ouviram no soçôbro extremo

Uns sons de glória, uns echos dos amores,
De quando amor e glória
Cantou sonora nos jardins d'Elysia.
Silencio do sepulcro!—a um proscripto
Tu so compettes.—Quando a patria é morta,
Morrem com ella as musas.
Mas que prodigio!—Catalani assoma,
E electrico podêr me chama á vida :
Pela perdida lyra, hoje a harpa eu tanjo
Do Caledonio bardo :
Vate de Lysia e de Camões allumno,
Invoco Ossian e as nymphas das montanhas.
—Salve, glória do Tybre, que levaste
Das musas o triumpho
Ao Neva frio, ao Rheno, ao culto Sena,
Ao Thamesis, ao Tejo.—O Tejo out'ora
Ja nas suas gruttas resoar ouvira
Teus primeiros accentos.
Ai ! que diff'rente então, do que hoje, elle era!
Seu leito d'ouro em ferro se ha tornado,
E o brio de seus filhos, tam famoso,
Hoje é vergonha e opprobrio.

Oh ! Catalani co'essa voz que impera
Dentro dos corações irresistivel,
Chama-os á glória, punge-os á virtude
C'os mesmos sons angelicos
Comque aos Britannos liberdade inspiras
Quando, mais que mortal,—*Rule Britannia!*—
Dos labios teus ao coração lhes troa.
Eia ! de ca lhe brada :
“ Surge, Lysia infeliz ” — A's vozes tuas
Vê-la-has alçar a frente laureada,
Cahir por terra os barbaros tyrannos,
Triumphar liberdade.

—0000—

XXXIV.

A NOTICIA DE MORTE.

Nascetur aliquis tandem ex nostris ossibus ultor.

VIRGIL.

QUEM será essa dama inconsolavel
Que ahi geme n'esses atrios solitarios ?
A seus pés vai o Thamesis tranquillo
Por entre margens de tropheos correndo ;
Myriadas de povo satisfeito
Gyram emtórno d'ella—E ella so, geme !
Em languido silencio, quasi morte,
So vida, porque sente—E vêem-se as lagrymas
A fio e fio a lhe cahir dos olhos
Tam roxos, tam inchados, ja sem lume,
Que lhe apagou a dor a e o luz brilho.
Olha as mãos esfriadas que lhe cahem,
Desfallecidas !—Misera ! que mágoa

Não está desfazendo aquelle peito !
Ai do seu coração ! como o tem ella !
Rallado, consummido de amarguras,
Traspassado d'espinhos, imbebido
De fel e de veneno !—Mas nas faces
Desbotadas, no corpo amortecido
Como ha visos ainda de belleza !
A flor dos annos entre angústia e penas
Murchou-lh'a o padecer ! Cuidais porcerto
Ver a estatua de Niobe no marmore
Que geme so e tacito, cercado
De gruppos, de relevos, de medalhas,
De pinturas, de estatuas, em profusa
Galleria regal.—Mas esse gesto,
Essas feições não teem d'Albion as filhas :
Um sol mais vivo n'essa tez pulida
Amorenou os lirios, e deu ares
D'arabe ou grega face. As alvas nymphas
Do Thamisa teem outra formosura ;
Mas essa neve e profusão de rosas
Será mais bella,—não me falla tanto
Ao coração ca dentro.

——Eis outro aspecto

Melancholico, triste, descahido :
Respeitavel presença ! Algum amigo
D'essa infeliz que vem por consolá-la.
Triste ! como no gesto comprimido
Se lhe ve que das lagrymas afflictas
Bebe o amargor, porque ella lh'as não veja
E redobre a sua dor co'a dor do amigo.

“ Filha (diz elle á misera que aneia)
Filha, socega : da esperança ainda
Não se foi todo o albor. Confia, espera :
Deus hade ouvir teu pranto...e o meu.” E rompe-lhe
Ao dizer isto a fôrça dos soluços
Que o suffocam de dentro. A quem é dado
Vencer a natureza ? Homens de ferro,
Se os ha, fe-los o crime.—Mente o orgulho
Que se envolveu no pallio dos estoicos
Para clamar—“Não sinto paixões d'homem :
Dor ou prazer são nomes, são fraquezas
Indignas do meu ser.”—Fatal vaidade,
Em que miserias, em que desvarios

Não despenhas os miseros humanos !

—Infelizes, choraes, dae redea larga

Ao coração que estallará no peito

Se o comprimis ; deixae-o que se espanda,

Que desabafe, e mande para os olhos

Quantas mágoas nas valvulas lhe pesam.

Ai ! que interêsse eu tómo em vossas dores !

Um não-sei-quê me diz que tenho parte

N'êsta afflicção. Oh dae-me um quinhão d'ella,

Reparti d'essas lagrymas comigo :

Tambem sou infeliz, tambem votada

Tenho a cabeça aos fados impiedosos

Mas que é isto ? correndo appressurado

Um mensageiro ahi vem. Que tristes novas

Trara com tantos luttos que o trajaram ?

—Preparaes a vossa alma. —Eis uma carta.

“Uma carta !” —Bradou a afflicta dama ;

Volve d'emtorno os olhos desvairados,

La dá c'o mensageiro —Um grito agudo

Ceos e terra feriu. “Ai,” disse, e fecha

Os olhos, cai de golpe em terra, e jaz.
Toma-a d'um braço o triste companheiro,
Aperta-a sôbre o seio—e co'a mão livre
Abre a carta fatal—“ Adeus esp'ranças !
Morreu.....”
.....Nobre estrangeiro, quem foi esse ?
“ R...., R.... (clamou com voz tremenda)
R.... expirou, malvados !—Deus eterno
Que é da tua justiça ?—Porque dormes,
Porque dormes, Senhor ? Elles profanam
O teu nome, a tua lei, os teus altares,
E tu deixaste triumphar seu crime !
A virtude jazeu aos golpes d'elles,
E os ceos abandonaram a innocencia !
Oh Deus, oh Deus, perdoa ao meu delirio !
O sangue d'um heroe sôbre o patibulo
Jorrando ás mãos do algoz na terra ingrata,
Que não se fende em boqueirões que sorvam
Os ministros do crime !—O caro sangue
D'um irmão tam amado, a minha glória. . . .
Traidores ! e esse Nero que vos calca
Com pés de ferro, e vos açoita as costas

Infames c'o azzurague do desprêzo,
Esse é o idolo a quem sacrificastes
O campeão da patria, o heroe pacífico
Que vossos foros conquistou perdidos,
Vencedor sem cubiça, triumphante
Sem ambição. Ah monstros ! ah covardes
Indignos do renome castelhano !
Indignos. Oh misserima viuva,
Triste orphansinha, jovem malfadada,
Tu me arrancas do peito estes suspiros;
Tu so, que a indignação e atro desprêzo
Não me davam logar nem a lamentos.
Vem, filha, vem comigo ; n'estas praias
De liberdade ergamos-lhe em memoria
Singelo monumento.—A noute e o dia
Sóbre elle nos verá pedir vingança,
Pedir justiça ao ceos.—A ingrata patria
Seus ossos possuirá : mas aos seus manes
Nós daremos o culto.—“ E aqui pausando,
Do venerando rosto enchuga o pranto.

Os nobres filhos d'Albion se apinham
D'entórno dos illustres desgraçados
Por dar-lh' allivio, consolar-lh' as mágoas.
Generosa nação, digna do sceptro
Que aos angulos estendes do universo,
Oh ! recebe em depósito sagrado
Essas reliquias de mui nobre sangue ;
Dae-lhe, no seio bemfeitor e amigo
Outra patria mais digna, mais honrada.
Um dia inda virá—Jurou-o o Eterno,
E a justiça o gravou com diamante
Nas táboas de destino—Um dia egregio
Que hade raiar co'a aurora da vingança
Nos horisontes da infeliz Hespanha.
Então aportará nas vossas praias
Um baixel triumphante que os conduza
Entre vivas de glória ao patrio Ebro.

Que sacrificio então será bastante
A applacar esses manes irritados
Do Cid da liberdade ! Sóbre as aras
Da mansidão, da placida indulgencia,

Virtudes do heroe, tymbre em sua glória,
Victima seja o tigre famulento
Que lhe bebeu o sangue, e c'um sorriso
Do impio holocausto recebeu a offrenda.

Profugo e so na terra do destêrro
Estes versos cantei : vieram d'alma
A' triste lyra resoar nas cordas
Humidas do meu pranto. Ide, lamentos
Da minha voz, coae por essas neves,
Ide levar ao Tejo os meus suspiros ;
Este canto de morte repeti-lh'o
D'echo em echo nos concavos rochedos :
E se entre esse tropel de miseraveis,
Portuguezes outrora, que hoje arrastam
Os vis grilhões do opprobrio e da vergonha,
Virdes algum que ao menos a memoria
Conserve da perdida liberdade,
Bradae-lhe ao peito—"Escravo, escravo infame,
Pesa mais um punhal que uma cadeia ?"

XXXV.

O NATAL EM LONDRES.

Anathema sit.CONC. TR.

QUE Natal este !—Sempre sois herejes,

Meus amigos Inglezes.

Bem haja o sancto padre, e as suas bullas

De fulminante anathema,

Que escommungou estes ilheos descridos :

Oh ! nunca a mão lhe doia.

— Ver na minha catholica Lisboa

As festas de tal noite !

Sinos a repicar, môças aos bandos

Co'a bem-trajada capa,

E o alvo-tezo lenço em cóca airosa,

D'onde um par d'olhos negros

Dão as boas-festas ao vivaz desejo

Do tafulo devoto

Que embugado acudiu no seu capote

A' pactuada igreja !

Natal da minha terra, que lembranças

Saudosas e devotas

Tenho de tuas festas tam gullosas

E de teus dias-sanctos

Tam folgados e alegres ! Como vinhas

Nos frios de Dezembro

De regallados fartes coroados

Aquecer corpo e alma

C'o vinho quente, c'os mexidos-ovos,

E farta comezana !

E estes escommungados protestantes,

(Olhem que bruta gente)

Sempre casmurros, sempre enregelados

Bebendo no seu *ale*,

E tasquinhando na carnal montanha

Do *beef* cru e insipido !

Pois os *Christmas-pyes*, gabado esméro

De sarmatas manjares !....

Olhem éstas pequenas : são bonitas ;

- Mas que importa que o sejam

Se das Graças donosas praguejadas,

Rusticas e selvagens,

Nem dança airosa, nem alegre jôgo

De divertidas prendas

Arranjar sabem, e passar o tempo

Em honesto folguedo.

Jogar um Whist morno e taciturno,

Sentar-se em mona roda

Juncto ao fogão, fazer um detestavel

Cha preto e fedorento,

Sem ar, sem graça.....— Oh madre natureza,

Quanto mal empregaste

A formosura, o mimo, as lindas côres

Que a taes estatuas deste !



XXXVI.

O ANNO NOVO.

Mutat terra vices.HORAT.

BEM vindo sejas, novo anno, e tragas

Melhorado teus dias mais propicios

A' minha infeliz patria, á doce esposa

E a meus fieis amigos.

Esse mal-agourado que nos pegos

Affundou hontem do Oceano, Apollo,

Não deu senão colheita de infortunios,

Nem grannou outras messes

Mais que o joio semeado por mãos tredas

Entre os sulcos do trigo. Não mondado

A tempo, foi crescendo, e em flor ainda

Affogou a esperança

Do triste povo que a tam maus caseiros
Tam inexpertos deu suas lavouras,
Que assim desmazelados lh'as perderam,

E quem sabe até quando ?

Quem sabe quanto tempo hade durar-lhe
O gêlo d'este inverno em nossos campos
Té que o derreta o sol, ora enevoado.

Da antiga liberdade.

Dorme a vegetação n'essas sementes
Que á terra se lançaram. Mas eternas
A estações não são : teu dia, ó patria,

Teu dia hade chegar.



XXXVII.

O ANNO VELHO.

Amara lemmi

Temperat risu.

HORAT.

VAI-TE, anno velho, vai-te, e nunca volvas
Dos seculos no gyro ;
Sumido sejas tu nas profundezas
Da immensidão do nada,
Anno parvo e poltraõ, chocho e sem prestimo,
Inutil como um conego.
Quem fez caso de ti ? Nem praguejado,
Nem bemditto morreste
Sem deixares legado ou testamento
A' desherdada historia.

Foram teus dias, dias de rotina,
 Como as lições sabidas
Da encebada, cuja caderneta
 D'um lente de Coimbra ;
Tuas horas, as horas *marianas*
 De velha abbadeçona
Que ha quarenta annos tem no mesmo sitio
 O babado registo
Do sancto favorito. —Vai-te, some-te,
 Carunchoso anno velho :
Trague-te o olvido inteiro ; mais memoria
 De ti não fica á terra
Do que deixa um abbade de Bernardos,
 Da academia um socio.



XXXVIII.

A CAVERNA DE VIRIATO.

— Yet came there the morrow
That shines out, at last, on the longest dark night.
T. MOORE.

I.

SÔBRE os eternos gelos
Que os picos annuviados
Do alto Herminio coroam,
Penteava a Aurora os fulgidos cabellos,
E dos anneis ondados
As auras matutinas
Sopravam brandamente
Viollas e boninas,
Que para lhe toucar a rosea frente
Colhêra a Noute nos jardins do Oriente.

II.

Da precursora estrella
Alva amortece a luz languidamente,
Qual nos olhos expira
Da rendida donzella
Quando em braços do amante amor lh'os cerra.
O espirito da serra,
Cujo é o sceptro das horridas montanhas,
D'essa luz indignado
Que seu throno de nuvens lhe dispersa,
O voo despregado
Co'as azas fuscas bate.

III.

Sóbre as aguas pairou do morto pego
Onde vivente fol'go não demora,
E c'um sorriso negro,
Semelhante ao que ri na fatal hora
O anjo do mal á cabeceira do impio,
Contempla na voragem

As antenas quebradas, rotas quilhas,
Tributo de homenagem
Que o genio lhe enviou da tempestade
Por vias não sabidas d'ólho humano
Dos sottopostos reinos do Oceano.

IV.

Qual setta desferida do arco d'evano
Do archanjo da morte,
Desce de golpe o espirito da serra,
E mergulhou nas aguas. Treme a terra,
Os subjacentes máres
De abobeda em abobeda gemendo,
Do boqueirão tremendo
Mandam horrido som que estruge os ares.

V.

Mas ja co'a doce luz do sol infante
As nuvens accossadas
A frente d'alta serra destoucavam.

Sóbre a relva, no calice das flores,
Qual indico diamante,
Gottas achrysoladas
De puro orvalho brilham multicores ;
E as plantas acordadas levantavam
Para saudar a luz a hástea pendida
Do esfriado relento.
A toda a natureza
Vem do astro creador amigo alento,
Que remoça, que alegre, e expande a vida.

VI.

Glória dos altos montes,
Magnífico Herminio, a quem saúda
A portuguez loquella
C'o gentil nome da formosa estrella
Com que tua fronte a topetar se atreve,
Nunca manhan mais bella
Por teus brancos penedos,
Tuas humidas gruttas,
Teus altivos, giganticos rochedos,

Catadupas sonoras,
Torrentes gemedoras,
Viçoso, ameno prado
Jamais raiou no Oriente apavonado.

VII.

Salve, berço do nome lusitano !
N'êsta manhan solemne,
Que, em volver d'anno e anno,
Jamais acabará que a apague o tempo
Da saudosa memoria ;
N'êsta manhan de glória
A ti venho, a ti venho, asylo sancto
Da lusitana antiga liberdade.
Tuas lobregas cavernas
Me serão templo augusto e sacrosanto,
Aonde da Razão, e da Verdade
Celebrarei a festa.
Ouça-me o valle, o outeiro,
Escute-me a floresta
Aonde do seguro azambujeiro

Seus cajados cortavam
Os pastores de Luso,
Que a defender a patria e liberdade
N'esses tempos bastavam
De honra e lealdade.

VIII.

Hoje!—Meu sacro rito
Aqui celebrarei n'êsta caverna.
Teu santuario é toda a natureza,
Potestade superna,
Deus do homem de bem, Deus de verdade,
Immensa magestade
Que do nada tiraste a redondeza :
Ouve-me, ó Deus, recebe
Meu puro sacrificio.
No torpe malleficio
Da traição não manchei
Minhas mãos innocentes,
Nem sacrilego ousei,
Teu altar profanando,

Queimar o incenso vil da hypocrisia
Co' a dextra parricida gottejando
Sangue da patria, lagrymas fraternas,
Suor da viuva e do orpham.
Escuta, ó Deus, nas regiões eternas
Minhas acções de graças n'este dia,
Dia que a resgatar-nos
Do captiveiro odioso
Estendeste o teu braço poderoso;
E a razão, liberdade,
Dons teus, do homem perdidos,
Restituiste á oppressa humanidade.

IX.

Mas que sinto!—Desvairam-me os sentidos?
E'stas cavernas tremem.....
Emtórno os ares fremem.....
D'echo em echo medonhos estampidos
Reflectem pavorosos!,
Do extremo fundo la d'esse antro surde
(Visão estranha é ésta)

Espectro, sombra.....

—————Manes gloriosos

Sois vós d'algum heroe?—A lança, o escudo

Embraça, empunha: aos pés Aguias romanas

Prostradas !.....oh! Viriato

E's tu, sombra magnanima ;

Tua caverna é esta :

De tua glória e teu nome é cheio ainda

O val, monte e floresta.

Libertador da antiga Lusitania,

Das regiões da morte

Vieste ver raiar a doce aurora

Da nova liberdade

Sôbre teus patrios montes ?

Esconde, esconde a face, ó varão forte,

Volve ao tumulto : a raça trahidora

Não acabou no vil que a preço indigno

Te vendeu aos tyrannos do universo :

O sangue d'esse monstro

Em quantos corações bate hoje á-larga !

São mil por um perverso ;

Covardes todos.—Feros que empunharam

Os Lusos teus para salvar a patria,

Adagas de sycarios se tornaram

Em mãos de Portuguezes.

Patria!.....não temos patria.....

Oh! não ha para nós tam doce nome.

Grilhões, escravos, carceres e algozes,

De quanto outr'ora fomos,

Isto so nos restou, so isto somos.

X.

A SOMBRA DE VIRIATO.

“Não: sois mais que isso. O dia da justiça

Do Eterno chegará. Sua hora tarda,

Mas infallivel, soará n'altura;

E os echos da planicie hão-de annunciá-la.

Os impios buscarão onde esconder-se,

E a terra negará couto a seus crimes.

Máres de sangue cubrirão a terra,

E a morte folgará sôbre as ruínas.

Mas quem, quem desprende as cataractas

Do sangue, do castigo?

O impio que blasphemou

E de dizer ousou

No tredo coração :

“*Não ha Deus ; abusemos*

Affoutos de seu nome

Para aveixar os povos ; escudemos

Co' esse phantasma vão nossos embustes.”

—Cegos ! nadae no pelago de males,

Luctae co'a ancia da morte : não ha taboa

Para vós, não, de salvação, de espr'ança.

—Uma arca so por esses máres voga,

Arca da alliança nova,

(*Sancta*, e sagrada é ésta)

Pacto de Deus c'os povos. Liberdade

So restará do universal diluvio :

Da raça dos tyrannos,

Da fratricida guerra

Que ateára a oppressão entre os humanos,

Nem a memoria ficará na terra.

XXXIX.

A LIBERDADE LEGÍTIMA.

PUBLICANDO-SE A CARTA CONSTITUCIONAL
DE D. PEDRO IV.

Des loix et non du sang.

CHENIER.

Aos pés do marmor de Pompeu, exangue
Cesar triumphador cahiu de rôjo ;
Ergueu-se Roma, e a sombra despeitosa
Nos Elysios exulta.
Ao golpe audaz do intrepido mancebo,
Liberdade folgou, gemeu natura :
Trajando galas, arrastando luttos
Parricida virtude.

E os ferros ?—Outra vez aos pulsos roxos,
Ei-los, novo oppressor os volve á patria :
Foi breve sonho a liberdade, a glória ;

Crimes so gera o crime.

Ves la nas praças d'Albion suberba,
E nas tuas, ó douta, ó culta Gallia,
D'entre as mãos vis do algoz jorra, ensanguenta

Regio cruor a terra :

Calca-se aos pés o sceptro ja pedaços,
Rebenta o dique á popular licença,
Veste a anarchia as côres da igualdade.....

Eis Cromwell, Robespierre.

Horror do cahos, confusão da noute,
Em que elementos reluctantes pugnam,
Antes que a voz do Creador de tudo

Lhes dê n'um sópro a ordem,
Imagem, frouxa imagem sois do abysmo
Que sob os pés cavou de tantos povos
O extasi, o phrenesi de liberdade

Que não regrou prudencia.

Razão, virtude, sacrosantos numes,
Quantas vezes a veste pura e candida,

Vistes nodoas do crime enchovalhá-la

Por mãos da irman querida ?

Da irman !...da angusta liberdade ! E' sonho:

Sois illudidas, ó nações do mundo ;

Rasgae a venda que vos cobre os olhos,

Que atou perversa dextra :

Vereis, vereis sob os altares d'ella

Solapada a ambição, a intriga, a inveja ;

Queimando incensos (que levára ao throno,

Se o throno inda existisse)

Sordido adulator, o baixo int'rêsse.

Liberdade !—Ah que a máscara so vistes,

Que horrivel furia sôbre a face perfida

Vos illudiu, compondo.

Lysia, Lysia, não tremas, não receies,

Que um novo facho a liberdade accende ;

Sem ferros, sem punhaes, um Rei que é homem

Te liberta pacífico.

XL.

A D. PEDRO IV.

LIBERTADOR DA PATRIA.

..... Ordinem
Rectum, et vaganti froena licentiæ
Injecit, amovit que culpas.

HORAT.

CELESTE emmanação do Ser-primeiro,
Verdade, oh luz eterna ! alfim poderam
Ante olhos regios fulgurar teus raios ;

Pôde tua voz severa
Dos enganados reis soar no peito ;
E o grito da calcada natureza,
Do amesquinhado, miserando povo
Ao coração bater-lhe.

Nos labios o sorrir, no seio a morte,
D'amargosas perfidias coroadas

A vil Adulação, o negro Embuste,

A cavilosa Intriga

Ja d'ante o solio espavoridas fogem,

Tremendo aos brados teus la vão no abysmo,

No averno sepultar crimes e horrores,

Com que o throno infestavam.

De vesgos olhos macilenta Inveja

C'oa pallida Ambição debalde intentam

Valer-lhe ainda, sustentar-lhe o imperio

De tam compridos sec'los.

Embalde o manto enganador lhe estende

Fallaz Superstição, que as vestes sanctas

Á augusta Religião, ousou sem pejo

De trajá-las roubadas;

Que as trevas que ante o solio condensavam,

Teu brilho as dissipou, e entrou risonho

O dia da razão nos paços regios

Co'a aurora da virtude.

Fulgiu do joven Rei na frente augusta

O calcado téqui, sacro diadema,

E a que mancharam veneranda purpura

Da tyrannia as nodoas,

Ei-la de novo nitida se arreia

Do ouro puro da lei, da san justiça,

Téqui do vício escravas fugidias,

Corridas, insultadas.

Ja livre do grilhão, sôlto dos ferros

Póde o monarcha segurar na dextra

O sceptro que mil perfidos amigos

A seu sabor moviam.

Sem venda os olhos, pela vez primeira

Olhou d'em tórno a si, e viu. . . oh! quantos

De horror de execração, de attrozes crimes

Milhares descobriste !

Quantos não viste, ó Rei, juncto a teu solio

Monstros de sangue as garras empolgando

Nas miseras entranhas de teu povo,

Palpitantes ainda ?

E não viste esse povo miserando

As lagrymas beber, conter no peito

Cortado de amarguras os suspiros

Que algozes lhe arrancavam,

Deixando-se esvaír no sangue a vida

So porque em nome teu lh'a arrebatavam,

So porque em nome teu lhe agrilhoavam

Braços, razão e vozes ?

Sim, tu os viste ; e o coração paterno

Sentiste retalhar-t'o a piedade :

Tu gemeste nos males do teu povo,

Gemeste, e a mão benigna

Dadivosa outorgou remedio aos males

Que em ferreo accervo sôbre nós pesavam.

Recresceu nosso amor, dobrou tua glória ;

Serás eterno e grande.

Maior imperio que os avós ganhaste :

Seus subditos fieis, leaes e amigos

Ja te não chamam rei, so pae te chamam,

Que em corações so reinas,

FIM.

So heute ein neues Leben beginnt.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

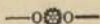
Heute, heute, heute, heute, heute.

Heute, heute, heute, heute, heute.

INDEX

E

NOTAS.



I.—(1814.)—Pag. 1.

A PRIMAVERA.

(Pag. 3.)

Nem Salomão em toda a sua pompa
Trajou galas tam ricas.

Ésta é uma das bellas e ricas expressões
da sublime poesia biblica.

(Pag. 11.)

Assim, latino Orpheu, cantor das Graças,
Nas modicas Sabinas....

Horacio, cuja quinta ou casa de campo
d'este nome, tanto celebra em seus versos.

II.—(1815.)—pag. 4.

A SOLEDADE.

III.—(1817.)—pag. 7.

A SÉSTA.

IV.—(1817.)—pag. 10.

NO ANNIVERSARIO DE FILINTO.

(Pag. 11.)

Vem, que é de trouxas d'ovos.

E' bem sabida a predilecção de Francisco Manuel por ésta gullosice, que elle celebrou em seus versos como a ambrosia ou o nectar dos deuses. Lembram principalmente aquelles notaveis:

Venus daria a sua virgindade
Por d'ovos molles parva quantidade.

V.—(1818.)—pag. 12.

A INFANCIA.

(Pag. 17.)

Nymphas do Lyma, dae, trazei alegres
Recendentes boninas.

Para intelligencia d'esta passagem e de toda a peça, convem dizer que foi feita para o natalicio de um menino cuja familia habitava as margens do rio Lyma—que pretendem seja o Lethes, ou rio do Olvido dos antigos.

VI.—(1819.)—pag. 19.

FILINTO.

Esta peça é no genero do *Tumulo de Shakespeare* de Pignoti; ou, em ponto mais pequeno, o que é a respeito das *Lusiadas* o poema Camões (impresso em Paris 1825), uma celebração das façanhas poeticas de Filinto Elysio.

(Pag. 21.)

A lyra onde entonando o collo erguido
Alçou topheos a liberdade....

Allude á ode *a America livre* e outras dos mesmo genero.

(Pag. 21.)

E audaz a par e par c'os novos Gamas....

Os novos Gamas é o titulo de uma das mais bellas odes de F. Manuel, feita a uma ascenção areostatica.

(Pag. 22.)

Ja sons mais doces lhe aprimora a deusa
Que entorna a vida aos gomos do universo..

Allude á lindissima ode a Venus e mais poesias eroticas de F. M.—entre as quaes tanto sobressai o *Hymno á Noite, Marcia voltando inopinada*, &c.

(Pag. 23.)

Aos amigos louvor, louvor a Horacio
A' virtude, á razão.....

Odes e mais composições no genero horaciano.

(Pag. 24.)

Ao fausto Bromio entoa c'os' amigos
Festivaes evóes.

Dythirambos &c.

(Pag. 24, 25.)

Ja d'Albuquerque a temerosa dextra....

Castro, o Fabricio luso, o Quincio....

Odes pindaricas e heroicas em louvor de
heroes e patriotas portuguezes.

(Pag. 26.)

Ora clamando aos hospedeiros Gallos....

Odes em louvor dos poetas e escriptores
portuguezes.

(Pag. 27.)

Affouto corta os vicios enfezados....

Satyras e contínuas invectivas de F. M.
contra os gallicismos e neologismos que tin-
ham invadido e perdido a lingua portugueza.
E'sta contínua guerra de Francisco M. corri-
giu não pouco o vício.

(Pag. 28.)

E pela voz do despota dos máres....

Ode—*Neptuno aos Portuguezes*, e outras
muitas do mesmo genero.

(Pag. 29.)

Ei-lo rival do voluptuoso Ariosto....

O *Oberon*, imitação de Wielland, que certamente rivaliza com o Orlando de Ariosto.

(Pag. 29.)

Attico sal do brando Lafontaine....

A traducção das fabulas de Lafontaine é talvez o maior esforço que ainda fez a lingua portugueza. F. Manuel ostentou n'ella todos os immensos thesouros do riquissimo idioma que tam bem possuía. Como obra de gosto e do genero a que pertence, tem pouco merito certamente; falta-lhe a naturalidade, falta-lhe a singelez e o desalinho engraçado, que nunca póde ter uma traducção.—E'sta especie de coisas imita-se bem, mas traduzidas nunca ficam bem.

(Pag. 30.)

Quaes firo novos ceos, que estrellas tópo....

Todo o resto d'êsta peça é allusivo á portentosa imitação dos *Martyres* de Chateaubriand, em que de-certo ha muito defeito, muita affectação de linguagem em excessivos archaísmos, mas em que abundam bellezas de um genero superior, e que talvez não teem parallelo em escriptor de nenhuma nação e de nenhuma epocha.

VII.—(1819.)—pag. 38.

AS FÉRIAS.

Isto são versos de um senhor estudante zangado por se não divertir nas férias quanto desejava, e que se despica em chufas semsaboronas á mais bella e mais benemerita e mais nobre de todas as cidades portuguezas.

O editor d'êsta Lyrica—que se honra muito de ser portuense—conservou *por isso mesmo* êsta peça na collecção. *Estamos mais altos que nenhum Portuguez*, e não devemos des-

confiar com semelhantes gracejos: se na nossa cidade ha muito quem troque o *b* por *v*, ha muito pouco quem troque a honra pela infamia, e a liberdade pela servidão.

O A. fez todavia justiça á mocidade portuense, que por seus independentes principios e liberal educação, é em verdade a mais segura esperança de nossa triste patria.

(Pag. 41)

———O sestro bracharo malditto
Que o rotundo fallar de nossa origem
Tam feio corrumpen.

Do Porto, dizem antiquarios, que fôra fundação de uma colonia de Gregos—e dos Gregos cantou Horacio que fallavam *ore rotundo*. Não é portanto provavel que os vicios de nossa falla portuense nos viessem senão da chusma de fidalgos braguezes, e quejandos, que ha certos annos a ésta parte acudiram a a nossa terra,—ja tam limpa d'esse enxovedo. Dos porcos e ignorantes dos frades não sería menos, tampouco.

IX.—(1820.)—pag. 46.

O VENTRILOQUO.

Deu motivo a ésta composição o benefício de certo Mr. Faugier, um dos muitos charlatães *totilimundis* que se espalham pela Europa a *escamotar* os cobres dos pataus. Este saltin-banco, cuja principal habilidade era a ventrilocução, veio recommendado ao auctor então em Coimbra por um amigo do Porto. Estes versos foram improvisados a o Sr. N***, d'Ar***, que exigiu ésta condicção para tomar um bilhete dos muitos com que o auctor se via carregado.

(Pag. 47.)

E tu Rich'rand facundo.....

Richerand, Haller e todos os physiologistas tractam d'este phenomeno no artigo de *voz e loquella*. Lembrou Richerand por se ter lido de proximo.

X.—(1820.)—pag. 49.

A LIBERDADE.

N'aquella epocha entre todos os Portuguezes
não havia senão uma opinião, que era ésta :
as divisões vieram depois ; se com razão ou
sem ella, julgará o tempo.

XI.—(1820.)—pag. 51.

OS MEUS DESEJOS.

(Pag. 52.)

Do cysne de Vaclusa a sombra arguta
Ja revoava emtôrno.....

Petrarcha, bem conhecido por este epitheto,
foi coroado ou laureado no Capitolio ; Tasso
morreu na vespera de receber a mesma honra.

(Pag. 52.)

Tu que da miseranda humanidade
Na harpa de Sion choraste
Primeira perda.....

Milton.—Foi preciso haver em Inglaterra um ministro d'Estado poeta e philologo, Addison, que com todo o seu credito e influencia fizesse crer á nação que o *Paraizo perdido* era um poema de primeira ordem, para se vir n'esse conhecimento depois de seculos que estava impresso ! De modo que se pode dizer que os Inglezes teem uma epopea nacional por aviso da Secretaria d'Estado.

XII.—(1820.)—pag. 54.

A SAUDADE.

Lembra dizer aqui que a estes versos é que alludem os do I. canto do poema CAMÕES:

Se ja teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endeixas.....

XIII.—(1820.)—pag. 57.

DIA DE SAN' MARTINHO.

Para intelligencia d'estes mui destampados

versos é preciso saber-se que o auctor estava com a cabeça quebrada de uma queda de cavallo abaixo, que tinha dado indo a uns annos á Foz—aopé do Porto.

(Pag. 59.)

Pela rua Direita.....

Rua principal do logar de S. João da Foz.

XIV.—(1820.)—pag. 61.

O BRASIL LIBERTO.

(Pag. 65.)

O lirio ajudador, que foi a auxilio
Da nassente republica.....

A reflexão electrica da liberdade americana certamente se communicou á Europa pelas tropas francezas que foram auxiliar a nova republica.

XV.—(1820.)—pag. 67.

CONSOLAÇÕES A UM NAMORADO.

—

XVI.—(1820)—pag. 71.

MADRUGADA NO JARDIM BOTANICO DE COÍMBRA.

(Pag. 72.)

.....Aqui ésta palmeira
Da Eternidade o symbolo.....

D'aqui e dos equivocos dos Latinos com a palavra grega *Phœnix* veio a fabula da ave phenix.

(Pag. 74.)

Quam terno, quam sensivel
Foste, Lineu divino!—

Lineu foi, como todos sabem, o inventor do systema sexual das plantas. Creio que ainda *sub judice lis est* se o systema sexual é

de pura imaginaria convenção, ou de realidade. Minha humilde opinião é pela segunda parte.

XVII.—(1820.)—pag 77.

A' VERDADE.

XVIII.—(1821.)—pag. 80.

LONGA VIAGEM DE MAR.

(Pag. 81.)

—————Um Nunes

Ao universo admirado mostraria

O pasmoso instrumento.

O célebre instrumento conhecido pelo nome de *Nonius*, traducção latino-barbara de Nunes.

XIX.—(1821.)—pag. 85.

A LYDIA.

(Pag. 85.)

Nem tanta ha ja de procos abundancia,...

V. *Odyssea* passim. Os traductores latinos verteram sempre o grego de Homero n'este vocabulo latino: a quantidade d'esses (*proci* a $\pi\rho\omicron\iota\varsigma$) procos, ou mais *lusitanice* pretendentes de Penelope, foi extraordinaria; basta ver as immensas *varas* de bons porcos gordos e cevados que, pelo que nos conta Homero *Odys.*, os maganões comeram em casa de S. Magestade Ithaciense, Ithacana, ou Ithacia—segundo melhor soar.

XX.—(1821.)—pag. 87.

O ANANAZ.

XXI.—(1821.)—pag. 89.

O BEJO.

XXII.—(1821.)—pag. 94.

A SEPULTURA DO BEMFEITOR.

O sabio e virtuoso prelado cuja memoria celebram estes versos era proximo parente do auctor. Sabemos que foi o *unico* de seus parentes que de S. Ex^a. não recebeu dons de fortuna: elle julga porém dever-lhe mais que *nenhum* pelo amor da virtude e das letras que na infancia lhe inspirou com exemplo e conselho nos primeiros rudimentos de educação que d'aquelle insigne e illustre varão recebeu.

XXIII.—(1821.)—pag. 98.

O AMOR MATERNAL.

XXIV.—(1821.)—pag. 101.

O AMOR PATERNAL.

XXV.—(1821.)—pag. 104.

ANNIVERSARIO DE RESTAURAÇÃO
DO REINO.

XXVI.—(1822.)—pag. 109.

A ROSA.

XXVII.—(1822.)—pag. 113.

SAPHO NO SALTO DE LEUCATHES.

(Pag. 119.)

“ Celestes musas, Sapho desgraçada....

Desde este verso até o último da pag. 123
é traducção de ums fragmentos de Sapho, que
o traductor, ou antes imitador, francez ajunc-
tou em uma so peça.

XXVIII.—(1822.)—pag. 124.

O ROUXINOL.

Estes versos foram feitos para musica, e andam em duas ou tres *modinhas* de diversos compositores. Teem sido mui adulterados nas cópias: e adverte-se ás pessoas que os quizerem restituir segundo ésta cópia autentica, que o primeiro verso da segunda strophe

Sentado sòbre ésta penha

ficará geralmente melhor para o canto lendo-se.

N' ésta penha reclinado.

XXIX.—(1822.)—pag. 128.

A GUERRA CIVIL.

XXX.—(1822.)—pag. 134.

A MELANCHOLIA DA SOLIDÃO.

XXXI.—(1823.)—pag. 137.

O CARCERE.

XXXII.—(1823.)—pag. 140.

O EXILIO.

XXXIII.—(1823.)—pag. 143.

A LYRA DO PROSCRIPTO.

Estes versos foram appresentados com uma versão italiana á Sra. Catalani, a quem os votou o enthusiasmo excitado por seus brilhantes talentos—so rivalizados por suas qualidades sociaes e incantadora amabilidade. Nunca trattei mulher mais interessante, mais candida, mais cordial e amavel. Lembra-se, e falla ainda com muita perfeição a lingua portugueza.

(Pag. 145.)

Quando mais que mortal *Rule Britannia*
Dos labios teus ao coração lhes troa.

O effeito d'este solemne e triumphante
hymno nacional, quando cantado por Catalani, é tal que não sei com que expressões se possa descrever. So os versos de Virgilio

—ciere viros, martem que accendere cantu.

podem approximadamente dar alguma idea d'este phenomeno electrico inexplicavel e quasi acima dos meios humanos.

XXXIV.—(1823.)—pag. 146.

A NOTICIA DE MORTE.

Quando se escreviam estes versos, tentava a municipalidade de Londres alevantar um monumento á memoria certamente honrada de R. que morreu martyr da liberdade constitucional. Não é para este logar o exame dos

defeitos da constituição hespanhola, ou de suas utopias, nem aqui vêem considerações politicas de nenhum genero ou partido. Que a Peninsula geme sob a mais horrivel e execravel tyrannia é um facto notorio e em que todas as opiniões conveem. Houve um homem que alçou o grito da liberdade monarchica e constitucional, e por ella morreu: este homem (sejam quaes forem os defeitos do systema que se adoptou) é um heroe, e como tal o hade conhecer a posteridade.

Para intelligencia d'esta rhapsodia cumpre saber que a esposa de R. estava refugiada em Londres em companhia de um irmão de seu marido, ancião e sacerdote, quando aquelloutro foi immolado em Madrid.

(Pag. 153.)

O último d'estes versos é emprestado: elle é bello e feliz. Seu A. o Sr. I. F. P. M. accete aqui os agradecimentos de quem o empregou, por se não achar capaz de fazer outro melhor, nem igual.

XXXV.—(1823.)—pag. 154.

O NATAL EM LONDRES.

Esta peça é do genero da VII. pag. 38. Ninguém se honra tanto como o A. de ter nascido na heroica cidade do Porto, ninguém é mais admirador da nação ingleza : isto são desabafos de um poeta zangado, de que se não deve fazer conta. Em tudo, e em toda a parte, ha um lado *ridiculo* : não é difficil achá-lo, nem criminoso descubri-lo, se não forem excedidos os limites do folguedo, que não degenerere em satyra amarga. A intenção do A. por certo não foi chegar la ; porque nunca o fez ——— nem a seus mais crueis inimigos ; e bem pode dizer com Crebillon :

Aucun fiel n'a jamais empoisonné ma plume.

XXXVI.—(1824.)—pag. 157.

O ANNO NOVO.

XXXVII. — (1825.) — pag 159.

O ANNO VELHO.

XXXVIII. — (1825.) — pag. 161.

A CAVERNA DE VIRIATO.

Na picturesca e magnífica serra d'Estrella, chamada dos antigos Arminium, ou Herminium, ou Ermînium, e ainda hoje em sua prolongação pelo Alemtejo, ditta corruptamente Aramenha, — ha com effeito uma caverna que ainda hoje em dia tambem vem chamada a *Caverna de Viriato*. Estes versos foram, ou suppoem-se terem sido, compostos n'este sítio.

(Pag. 162.)

Sobre as aguas pairou do morto pego.....

Lagoa célebre e de immesuravel profundidade na serra d'Estrella: sua agua é morta, e não soffre, dizem, folego vivo. — E' tradição e crença geral que ésta lagoa communica com o

mar: provam isso distinctos escriptores com a apparição de fragmentos de navios que ahi se tem visto boiar: mas cuido que resta a provar o facto sôbre que se fundam.

(Pag. 164.)

A portuguez loquella.

Portuguez, quando adjectivo, tambem occorre no feminino sem a terminação em *a*.

(Pag. 165.)

Da Lusitana antiga liberdade....

CAMÕES.

(Pag. 165.)

Aonde do seguro azambujeiro

Seus cajados cortavam....

CAMÕES EGLOG.

(Pag. 170.)

Não ha Deus; abusemos....

Dixit.....in corde suo : non est Deus.
PSALM.

XXXIX.—(1826.)—pag. 171.

A LIBERDADE LEGITIMA.

XL.—(1826.)—pag. 174.

A D. PEDRO IV.



PUBLICAÇÕES DO MESMO AUCTOR
QUE SE ACHAM A' VENDA.

—000—

CAMÕES—Poema, 10 cantos, 1 vol. Paris
1825.

D. BRANCA—Romance, 1 vol. Paris 1826.

ADOZINDA—Romance, precedido de uma
carta sôbre a antiguidade e natureza da
poesia romantica-popular em Portu-
gal. 1 vol. Londres 1828.——

—0000—

NO PRELO.

—000—

THEATRO—Em 2 vols. contendo diversas
tragedias, dramas, comedias, tudo ori-
ginal.

